

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

Amanda Bastos Amorim de Amorim

**A semiologia das afasias: contribuições de
uma abordagem enunciativo-discursiva**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem para
obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

Campinas,
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

Am68s Amorim, Amanda Bastos Amorim de, 1987-
A semiologia das afasias: contribuições de uma
abordagem enunciativo-discursiva / Amanda Bastos
Amorim de Amorim. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Rosana do Carmo Novaes Pinto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Neurolinguística - Pesquisa. 2. Semiologia. 3.
Neurolinguística. 4. Afasia. 5. Distúrbios da linguagem. I.
Novaes-Pinto, Rosana do Carmo, 1961-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.
III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Semiology of aphasia: contributions of an enunciative-discursive approach.

Palavras-chave em inglês:

Language Disorders
Neurolinguistics

Área de concentração: Inexistente.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora:

Rosana do Carmo Novaes Pinto [Orientador]
Elenir Fedosse
Evani Andreatta Amaral Camargo

Data da defesa: 30-06-2011.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Elenir Fedosse

Elenir Fedosse

Evani Andreatta Amaral Camargo

Evani G. Immanuel Camargo

Ester Miriam Scarpa

Lou-Ann Kleppa

Agradecimentos

*What would you think if I sang out of tune,
Would you stand up and walk out on me?
Lend me your ears and I'll sing you a song
And I'll try not to sing out of key.
The Beatles – With a Little Help From My Friends*

Acredito que nunca conseguirei agradecer o suficiente a todos vocês. No entanto, esboço aqui minha tentativa.

À Rosana do Carmo Novaes-Pinto, orientadora desta dissertação, por ter aceitado me orientar, pela acolhida tão gentil no CCA e no GELEP e pelas contribuições nas reflexões e na escrita deste trabalho nos últimos dois anos e meio. Por ter, enfim, ensinado muito mais do que cabe nesta dissertação.

À banca de qualificação e da defesa, Elenir Fedosse e Evani Andreatta Camargo, pelas contribuições, pela sugestão de mudança de tema, pela confiança de que seria possível realizar o novo projeto em um semestre e por terem aceitado ler o trabalho em condições pouco convencionais.

À Lou-Ann Kleppa, por ter aceitado participar desta banca como suplente, bem como à Ester Scarpa, pelas reflexões suscitadas no curso de leitura orientada.

À Maza, pelas suas aulas de Neurolingüística I, pelo cuidado e paciência que tem com quem está só começando uma longa jornada. Ao professor Sírio Possenti pelas aulas de introdução à Análise do Discurso e pelo curso sobre textos de Foucault, fundamentais para a escrita desta dissertação. À professora Carolina Rodriguez, pela proximidade, pelas conversas e pelo carinho.

Aos amigos do GELEP, especialmente ao Marcus Oliveira e à Thalita Souza Cruz, pela leitura atenta da primeira parte deste texto. À Lilian Gamburgio e à Renata Ensinas pelo carinho, sempre.

Ao grupo do CCA, aos sujeitos que tornam essa pesquisa possível. À Mirian Pacheco, à Tainara Nandin, e à Viviane Turco por permitirem que eu acompanhe os atendimentos individuais que conduzem e pelas conversas sobre Fonoaudiologia. À Larissa Mazuchelli e ao Fernando Godoy pela organização de atas, vídeos e do que mais for preciso.

Aos professores Vanise Gomes de Medeiros e Luiz Felipe Coelho, pelo incentivo desde os primeiros anos de graduação e pelas inúmeras conversas sobre possibilidades para meu futuro acadêmico.

Aos meus pais, Magali Bastos e Anderson Amorim de Amorim, pelas visitas, pelo carinho e pelas ligações só para saber se estava tudo bem. Ao Anderson Bastos Amorim de Amorim, meu irmão, e à Karen Monlleo de Amorim, minha cunhada, pelas visitas e por me deixarem a par das notícias sobre meu/minha sobrinho/a. À minha família toda – e aos agregados, que não são menos queridos –, por ter compreendido minha ausência em tantos momentos e entender que estive por perto sempre que pude.

Ao Kisnney Almeida, meu companheiro, por ter permanecido ao meu lado e me ajudado nos momentos difíceis – que não foram poucos. Pela convivência agradável e divertida, pelo carinho, pelas palavras de conforto e por ter me feito companhia durante a escrita da dissertação. À Guiça, pela companhia pouco exigente nas noites em claro escrevendo e por me distrair nos momentos de maior ansiedade.

À Denise Souza e ao José Ferreira, por tornarem minha estadia em Campinas mais tranqüila.

Aos amigos das graduações, Bruna Gonçalves, Luiz Renato Sussekind, Reinaldo de Melo, Thiago Borges, Gustavo Sophia e Leonardo Guimarães, pelos anos de convívio e pelas conversas de todo tipo. Ao Thiago Hartz, pelos apontamentos sobre partes deste texto.

Ao André Borges, pelo apoio desde sempre. Ao Artur Cardoso, amigo sempre disposto e atento. À Kalina Demasi, ao Bruno Cardoso e ao Warny Marçano, amigos do Kisnney que se tornaram meus também, pelos momentos divertidos. Aos amigos de Brasília Bruno Salgado, Elaine Garcia e Eduardo Lopes, pela excelente acolhida.

Aos amigos do IEL, que ouviram e ajudaram tantas vezes em meus questionamentos, Edicarlos Aquino, Isadora Machado, Eduardo Alves, Juliana Santos, Mariana Cestari, Diego Jiquilin, Reginaldo Nascimento, Erik Martins, Thiago Bolivar, Walker Pincerati, Jorge Souza Jr. Elias Ribeiro, todos os que participaram da comissão de organização do XV SETA, da comissão editorial da Revista Sínteses desde 2009 e das últimas duas gestões do CAL.

Aos amigos do IMECC, Deborah Domingues, Renato Mello, Tiago Macedo, Igor Lima, Rodrigo Pires e Pedro Henrique Pires, pelas ajudas em momentos diversos, pelas discussões sobre ciências e pelas risadas sem fim.

Aos amigos do Pró-pós, Movimento de Pós-Graduandos da UNICAMP, pelas discussões sobre política na pós-graduação e por terem compreendido minha ausência nas atividades deste último semestre.

Às arobas Fernando Ito, Ísis Bragaia, Alessandro Andrioni, Letícia Santos, Marco Almada, Victor Pompêo, Mahayana Godoy, Rômulo Bezerra, Fernando Aires, Bruno Feitosa, Roger Cury, Francisco Aragão, Pedro Souza, William Naves e Marília Gessa, pelo apoio, seus lindos, pelo incentivo e por todo o tipo de informação que já me enviaram.

Aos amigos da Editora 7Letras, que me ensinaram a ver os livros de uma forma completamente diferente e incentivaram minha vinda para Campinas. Muito obrigada.

Aos funcionários do IEL, sobretudo ao Cláudio Platero, pelas inúmeras dúvidas e problemas solucionados.

Sob o risco de ter esquecido momentaneamente algum nome, agradeço a todos os que ajudaram, de muitas formas, a chegar onde cheguei e a dar mais esse passo.

À Capes, pelo auxílio financeiro.

Resumo

Esta dissertação teve por objetivos **(i)** retomar questões conceituais, de base, para a Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva, **(ii)** apresentar estudos de casos realizados nos últimos 25 anos de trabalhos na área, apontando para aquilo que os reúne sob o que chamamos de abordagem enunciativo-discursiva das alterações de linguagem, explicitando como a área vem refinando os pressupostos teórico-metodológicos, ao (re)significar velhos termos e propor outros, discutindo criticamente a semiologia das afasias.

Na **primeira parte**, foram elencadas e discutidas questões epistemológicas de base para as pesquisas que adotam a abordagem enunciativo-discursiva, dentre as quais a relação entre *senal/sintoma* e *síndrome*. Para iniciar a discussão, partimos do próprio conceito de *semiologia*, sempre marcado pela relação entre *ver* e *dizer*, conforme aponta Foucault. Outras noções também são mobilizadas, por serem essenciais para o tratamento do tema, como a relação entre *normalidade* e *patologia*, bem como as concepções de *cérebro*, *sujeito* e *linguagem* que permeiam as pesquisas realizadas no período.

A **segunda parte** reúne trabalhos desenvolvidos na Neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva, no IEL, nos últimos 25 anos e que discutem termos e categorias correntemente utilizados na semiologia das afasias. É necessário esclarecer que o nosso recorte visa trazer para análise apenas os trabalhos que se ocupam de itens semiológicos, mesmo que estes não sejam o ponto central da pesquisa. Seleccionamos, nos trabalhos, a reflexão crítica acerca das seguintes terminologias: *agramatismo* (Coudry, 1986; Guindaste, 1996; Novaes-Pinto, 1992, 1997 e 1999; Kleppa, 2008); *fala telegráfica* (Novaes-Pinto, 1992 e 1999; Kleppa, 2008); *anomia* (Rajer, 2010); *automatismo* e *estereotipia* (Viscardi, 2005 e 2010); *circunlóquio*, *digressão* e *confabulação* (Morato, 1995 e 2010; Canoas-Andrade, 2009); *jargonafasia* (Morato e Novaes-Pinto, 1997; Novaes-Pinto; Morato, 1998; Ishara, 2004); *neologismos* (Morato; Novaes-Pinto, 1998); *parafasia* (Rapp, 2003; Reisdorfer, 2007; Túbero, 2010); *perseveração* (Saraiva, 2004); e *síndrome frontal leve* (Gandolfo, 1994).

Nas **Considerações de Passagem**, nos questionamos se é possível uma abordagem não-dicotômica para a caracterização dos fenômenos e recorremos a Jakobson (1956), Coudry (2001) e Fedosse (2008).

Abstract

This research aimed to (i) resume conceptual issues and basic guidelines of enunciative-discursive Neurolinguistics, (ii) present case studies developed in the area within the last 25 years, pointing to what unites them under that approach this specific approach we call socio-historical-cultural, explaining how the area has been refining both theoretical and methodological assumptions, the resignifying old terms and proposing others, critically discussing the semiology of aphasia.

In the **first part**, issues of epistemological basis for research to adopt the approach set-discursive were listed and discussed, among which the relationship between *sign/symptom* and *syndrome*. We start from the very concept of semiology, always marked by the relationship between *seeing* and *saying*, as Foucault points. Other concepts are also mobilized, because they are essential for the treatment of the topic, as the relationship between *normality* and *pathology* as well as the notions of the *brain*, *subject* and *language* that permeate the research conducted in the period.

The **second part** consists of presenting some of the research developed in the enunciative-discursive approach, at IEL in the last 25 years and discuss terms and categories currently used in the semiology of aphasia. It is necessary to clarify that we aim analyze only the works that deal with semiological items, even if these are not the focus of one specific research. We have selected, from researches, critical reflection about the following terminology: *agrammatism* (Coudry, 1986; Crane, 1996; Novaes-Pinto, 1992, 1997 and 1999, Kleppa, 2008); *telegraphic speech* (Novaes-Pinto, 1992 and 1999, Kleppa, 2008); *anomia* (Rajer, 2010); *stereotyped* and *recurrent utterances* (Viscardi, 2005 and 2010); *circumlocution*, *digression* and *confabulation* (Morato, 1995 and 2010, Canoas-Andrade, 2009); *jargonaphasia* (Morato and Novaes-Pinto, 1997; Novaes-Pinto, Morato, 1998; Ishara, 2004), *neologisms* (Morato, Novaes-Pinto, 1998); *paraphasia* (Rapp, 2003; Reisdorfer, 2007; Tubero, 2010); *perseveration* (Saraiva, 2004); and *light frontal syndrome* (Gandolfo, 1994).

Considerations on the passage, we ask ourselves whether it is possible a non-dichotomous approach to the characterization of phenomena and for that we recur to Jakobson (1956), Coudry (2001) and Fedosse (2008).

Sumário

Agradecimentos _____	iv
Resumo _____	vi
Abstract _____	vii
Prefácio _____	9
Introdução _____	13
Primeira Parte:	
Questões Epistemológicas da Neurolingüística de Orientação Enunciativo-Discursiva _____	17
1.1 Introdução _____	18
1.2 Relações Fundamentais _____	22
1.2.1 <i>Sinal/sintoma & síndrome</i> _____	22
1.2.2 <i>Normal & patológico</i> _____	24
1.2.3 <i>Moedas lingüísticas</i> _____	31
1.3 Linguagem e cérebro: relação compreendida a partir de um sujeito real _____	33
1.3.1 Concepção de <i>sujeito</i> e outras a ela relacionadas _____	34
1.3.2 <i>Cérebro como Sistema Funcional Complexo</i> _____	36
1.3.3 Concepção de <i>Linguagem</i> _____	38
Segunda Parte:	
Contribuições de uma abordagem enunciativo-discursiva para a semiologia das afasias _____	40
2.1 Introdução _____	41
2.2 Os estudos de casos e análises qualitativas de processos _____	42
2.3 Considerações iniciais acerca das opções terminológicas _____	46
2.4 Contribuições de uma abordagem enunciativo-discursiva para o estudo das afasias _____	48
2.4.1 Agramatismo/Fala Telegráfica _____	53
2.4.2 Anomia _____	58
2.4.3 Automatismo/Estereotipia _____	59
2.4.4 Circunlóquio/Confabulação/Digressão _____	62
2.4.5 Jargonafasia/neologismos _____	64
2.4.6 Parafasia _____	67
2.4.7 Perseveração _____	71
2.4.8 Síndrome Frontal Leve _____	73
2.5. Considerações acerca das dicotomizações dos fenômenos afasiológicos _____	75
2.6. Considerações sobre o legado teórico de Jakobson para uma neurolingüística enunciativo-discursiva _____	76
Considerações de Passagem _____	80
Referências Bibliográficas _____	82

Prefácio: O começo de um percurso

Ingressei em 2009 no mestrado em Lingüística, no IEL, na área de Neurolingüística, com uma monografia sobre a aplicação de testes-padrão para o diagnóstico das afasias. Em meados de março do mesmo ano, na primeira reunião de orientação, discutindo sobre um dos objetivos dos testes – o de classificar os *sintomas/sinais* em *síndromes* – falei sobre minha inquietação frente à constelação de itens semiológicos mobilizados na pesquisa e na prática clínica com as afasias. Minha orientadora sugeriu que esse tema mereceria ser revisitado, buscando compreender como os muitos trabalhos na área, dedicados a discutir criticamente fenômenos relacionados à linguagem nas patologias, contribuíram para ressignificar a terminologia e os próprios conceitos. Após a leitura de uma bibliografia inicialmente recomendada, já me parecia que o tema da dissertação não poderia ser outro.

Com minha formação na área de Letras e alguns anos de estudos em outras áreas – Física e Biofísica¹ –, sempre me interessei por questões como aspectos teórico-metodológicos e epistemológicos de diferentes campos do conhecimento. cursando o Mestrado numa área interdisciplinar, tais reflexões eram extremamente necessárias. A partir da monografia, foi possível discutir sobre a metodologia quantitativa dos testes e busquei compreender qual é a concepção de *ciência* subjacente nas discussões.

Já no IEL, comecei a freqüentar o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), localizado no Laboratório de Neurolingüística (LABONE) – que funciona, desde 1998, como um local de interação entre afásicos e não-afásicos². Atualmente, há três grupos

¹ Tanto o curso de Física quando o de Biofísica foram iniciados na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo 2004 e 2006, respectivamente, os anos em que ingressei nesses cursos.

² Nas palavras de Canoas-Andrade (2009): “O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) originou-se de uma proposta formulada em 1989, com o objetivo de acompanhar pessoas afásicas, na convivência com pessoas não-afásicas, em diversas situações e práticas discursivas. O CCA é produto de um convênio entre o Departamento de Lingüística (DL) do IEL e o de Neurologia (DN), da FCM/UNICAMP. Até 1996, Coudry foi responsável pela área de Neurolingüística no IEL. O Prof. Dr. Benito Damasceno, docente, e a Profª. Dra. Edwiges Maria Morato, na época fonoaudióloga do DN, responderam por esse departamento. A partir de 1996, com a contratação da Profª. Dra. Edwiges Morato pelo DL, as responsabilidades de docência, pesquisa e extensão/assistência da área de Neurolingüística, do Laboratório de Neurolingüística (LABONE) e do CCA foram divididas. Deu-se início ao segundo grupo do CCA. O Grupo I ficou sob a responsabilidade da Profª. Dra. Edwiges Morato e o Grupo II com a Profª. Dra. Maria Irma Hadler Coudry. (Fonte: Coudry, M.I.H. (2002), *Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.42. Campinas: IEL/UNICAMP, Jan/Jun. 2002, p.99-129). Em agosto de 2004 foi contratada a terceira docente da área de neurolingüística, Profª. Dra. Rosana do C. Novaes Pinto que, em agosto de 2006 deu início às atividades do Grupo III do CCA”.

que se reúnem semanalmente para realização de atividades que visam à reorganização da linguagem desses sujeitos. O grupo de que participo é o Grupo III, sob coordenação da Prof. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto. Além de acompanhar as sessões coletivas, me responsabilizo pela preparação e utilização de recursos de multimídia. Organizo previamente textos de diversos gêneros (vídeos, notícias, músicas) disponíveis *online*, preparo também atividades lúdicas (com jogos, provérbios etc.) e acompanho as sessões individuais de dois sujeitos – AN e AT – conduzidas pelas fonoaudiólogas Ms. Mirian Pacheco (doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística) e Tainara Nandin (mestranda do mesmo programa).

A partir de minha participação no grupo III, as leituras teóricas que havia feito anteriormente, voltadas a questões de base da Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva, como a relação entre *normalidade e patologia*, *sinais/sintomas* e *síndromes*³, bem como relativas às questões teórico-metodológicas problematizadas na área, desde os primeiros trabalhos de Coudry (1986), começaram a fazer sentido, pois pude, de fato, testemunhar a instabilidade dos quadros afásicos e como os sujeitos lidam com as suas próprias dificuldades, além de compreender como as atividades individuais e em grupo são importantes para eles. Compreendi, portanto, as palavras de Coudry (1986): “minha prática clínica se origina em um processo de descoberta recíproca do investigador e do sujeito afásico, em um contexto de mútua interação que inclui, como fundo, a participação da família”. Por essa razão, por mais que meu trabalho fosse voltado às questões teóricas, tornou-se fundamental que eu acompanhasse o grupo em funcionamento.

Desde 2009 integro também o GELEP – Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias (CNPq) –, que se reúne periodicamente a fim de compartilhar leituras, experiências e debater as pesquisas que cada membro vem realizando. A participação em um grupo composto por profissionais de formações tão diversas – lingüistas, fonoaudiólogos, bacharéis e licenciados em Letras – é extremamente enriquecedora, pois as discussões possibilitam a reflexão sobre os fenômenos a partir de contribuições de muitas áreas, tornando nossas pesquisas mais abrangentes.

³ Neste texto, tomamos *sintoma* e *sinial* como termos que podem ser substituídos mutuamente. Entretanto, sempre que possível, evitamos o uso de *sintoma* porque, como afirma Foucault (1994), sua carga semântica traz implícita a concepção de *doença*. Em geral, o termo é marcado por aspectos negativos, enquanto *sinial*, embora não seja neutro, não é necessariamente marcado como patológico.

Iniciando as leituras dos estudos de casos desenvolvidos por pesquisadores da área de Neurolinguística do IEL e, principalmente, convivendo com alguns dos sujeitos desses estudos, foi possível notar como é eficaz a abordagem sócio-histórico-cultural adotada pelos profissionais que lidam com esses sujeitos tanto nas pesquisas quanto nas práticas clínicas.

Tendo então um contato mais profundo com a área, vim a conhecer – e, por meu percurso acadêmico, compreendi – alguns dos desafios teórico-metodológicos que se impunham aos pesquisadores e, certamente, se imporiam a mim num futuro não muito distante. A questão mais geral que permeia esta dissertação, portanto, é a de responder ou buscar compreender a seguinte pergunta: Como as pesquisas realizadas nesse campo têm colaborado para solidificar a teoria neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva?

Os últimos 25 anos de produção científica na área revelam, por exemplo, a ênfase em uma abordagem sócio-histórico-cultural, que privilegia o papel da linguagem como atividade constitutiva do sujeito e permite o seu estudo *nas* patologias. Todas as pesquisas consultadas, sem exceção, criticam a metodologia tradicional presente tanto nos estudos neurolinguísticos quanto no campo da Fonoaudiologia e das Neurociências, buscando alternativas de trabalho com a linguagem – tanto nas avaliações quanto no acompanhamento terapêutico de sujeitos afásicos – e revelam que tal abordagem mostrou-se mais eficiente do ponto de vista da (re)organização da linguagem e de outras funções superiores (memória, pensamento lógico, percepção)⁴ que podem estar comprometidas no seu uso efetivo.

A fim de dialogar adequadamente com outras áreas – inclusive aquelas orientadas por modelos biomédicos –, tornou-se fundamental para esta pesquisa buscar, nos trabalhos que compõem seu *corpus*, os pontos comuns, os processos passíveis de generalizações, tanto com relação aos aspectos teóricos quanto aos metodológicos. Inicialmente, o *corpus* foi composto a partir de alguns estudos de casos que apresentam itens semiológicos específicos (*parafasias, agramatismo, perseveração, automatismo*, dentre outros). Por sugestão da banca de qualificação, ampliamos a busca para dar conta de mais itens semiológicos e mais autores, a fim de tornar a pesquisa mais abrangente e mais útil, tanto para aqueles que estivessem tendo um primeiro contato

⁴ Cf. Vygotsky (1984).

com o tema da semiologia, quanto para aqueles já interessados em itens semiológicos específicos.

Esta pesquisa se justifica, uma vez que essas questões, já assimiladas de tal forma pelos pesquisadores que trabalham sob uma orientação sócio-histórico-cultural, não são explicitadas aos seus interlocutores, o que muitas vezes acarreta na comunidade científica de áreas afins (Fonoaudiologia, Neurologia, Neuropsicologia) uma sensação/crítica de *não-cientificidade* nesses trabalhos, o que é absolutamente equivocado⁵. Esta dissertação inicia esta discussão, que será retomada e aprofundada na pesquisa de doutorado.

A seguir, na Introdução deste trabalho, procuro explicitar seus objetivos centrais, a estrutura da dissertação, bem como apontar para questões mais gerais relativas à constituição da área de Neurolinguística desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP.

⁵ Uma crítica comum que recebemos está relacionada à pluralidade de autores mobilizados para a fundamentação teórica, para dar conta dos diferentes fenômenos afasiológicos. Outro aspecto é o que diz respeito à metodologia de pesquisa. Nossos trabalhos são pautados, em geral, em análises qualitativas e não em instrumentos padronizados (baterias de testes-padrão), cujos resultados são submetidos a análises estatísticas.

Introdução: Um destino e uma rota possíveis

A Neurolingüística encontra-se em um campo híbrido de conhecimentos, pois recorre tanto às Neurociências quanto à Lingüística para o estudo de seus objetos. O encontro desses campos não é simples. Pelo contrário, grande parte de seus postulados teórico-metodológicos, frutos de uma união – por vezes – sincrética, está em “terrenos movediços” (Morato, 2002) e cenários conflituosos.

A Neuropsicologia tradicional privilegia o *cérebro*, no estudo das relações entre o cérebro e a linguagem – e também das demais funções superiores –, o que parece contraditório. Mais paradoxal ainda é que isso também ocorra com relação à Neurolingüística. Embora fenômenos lingüísticos sejam abordados – na patologia ou não –, prevalece a necessidade de se correlacionar esses fenômenos com substratos neurais específicos, objetivando tornar os estudos *científicos*. Seguindo essa tendência, são predominantes os estudos que buscam mapear a linguagem no cérebro (Damasio et al., 2001; Kemmerer et al., 2001; Tranel et al., 2003)⁶.

A Lingüística tradicional, de bases estruturalistas ou gerativistas, orienta-se por uma concepção de ciência bastante próxima das ciências biológicas, ou seja, procura evidências por meio do estabelecimento de leis gerais. Para tanto, ambas excluem tudo aquilo que é da ordem do individual, do subjetivo. Por isso mesmo, como já apontava Coudry (1986), essas teorias não podem dar conta dos dados de sujeitos afásicos, uma vez que é essencial, nas abordagens sócio-histórico-culturais a relação do sujeito com a cultura, com o outro, na história.

A partir de 1982⁷, Coudry passou a agregar em seus trabalhos reflexões sobre o dado singular e sobre como podemos inferir a respeito de processos mais gerais a partir de dados que emergem de episódios dialógicos e que, portanto, são únicos e irrepetíveis,

⁶ Com o objetivo de ilustrar a tendência localizacionista das pesquisas, citamos os títulos de alguns artigos científicos: Neural Correlates of Naming Actions and of Naming Spatial Relations (Damasio et al., 2001); Patterns of dissociation in the processing of verb meanings in brain-damaged subjects (Kemmerer et al., 2001); Neural correlates of naming animals from their characteristic sounds (Tranel et al., 2003).

⁷ Coudry é nossa principal referência na área, pois sua tese de doutorado, defendida em 1986 - publicada em 1988 como *Diário de Narciso: afasia e discurso*, pela Editora Martins Fontes - constitui a obra fundadora da abordagem enunciativo-discursiva. Antes de 1986, outras publicações de Coudry já indicavam o percurso da autora na formação da Neurolingüística enunciativo-discursiva. Dentre estas, citamos Coudry e Possenti (1983) que, de acordo com Novaes-Pinto (1999), foi o primeiro texto a criticar a aplicação de modelos estruturalistas e gerativistas ao estudo da Neurolingüística.

referidos por ela como *dados-achados*⁸. A Neurolingüística de bases sócio-histórico-culturais⁹ se constitui como área no Instituto de Estudos da Linguagem justamente para garantir que o posto de observação dos fenômenos seja o da Lingüística.

O discurso institucionalizado das Neurociências continua se baseando, usando aqui um conceito de Foucault (1994), na *vontade de verdade* que prevalece desde o século XIX, de correlacionar os *sintomas* às áreas cerebrais. Como veremos mais adiante, na primeira parte desta dissertação, a *vontade de verdade* do século XXI é a de mapear o cérebro, servindo-se da tecnologia desenvolvida nas últimas décadas do século XX, com o uso de técnicas de neuroimagem.

Por outro lado, a Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva¹⁰ *resiste* ao discurso hegemônico e vai construindo uma vasta bibliografia, que inclui contra-exemplos, problematizações a respeito do estabelecimento mecânico de relações entre causa e efeito, além de novas propostas para o estudo da linguagem na normalidade e nas patologias, versando tanto sobre aspectos teórico-metodológicos quanto sobre a prática clínica. Os trabalhos desenvolvidos na área têm sido cada vez mais respeitados e disseminados para outros centros de pesquisa e universidades do Brasil¹¹.

Considerando os questionamentos até aqui levantados, sintetizamos os objetivos desta dissertação: **(i)** retomar questões conceituais, de base, para a Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva, **(ii)** apresentar estudos de casos realizados nos últimos 25 anos de trabalhos na área, apontando para aquilo que os reúne sob o que chamamos de abordagem enunciativo-discursiva das alterações de linguagem,

⁸ No texto “O que é dado em Neurolingüística”, publicado em 1986 no livro organizado por Castro: *O método e o dado no estudo da linguagem*, a autora introduz o conceito de *dado-achado*. Aprofundaremos essa noção na segunda parte desta dissertação.

⁹ Enfatizamos que o termo *sócio-histórico-cultural* está sendo utilizado nesta pesquisa para nos referirmos a uma concepção mais abrangente, que se contrapõe a linhas de pesquisa ou de pensamento que destacam o objeto a ser analisado de seu contexto real. Os termos *enunciativo-discursiva* ou *discursiva* têm sido utilizados de forma intercambiável por alguns pesquisadores. A preferência pelo primeiro, por exemplo, justifica-se pela importância de explicitar reflexões advindas de autores como Bakhtin. Uma outra possibilidade é a de referir-se ao trabalho como *sociocognitivista*, buscando marcar a importância de autores como Vygotsky e de teorias que privilegiam o funcionamento mental. Todas essas abordagens têm em comum uma metodologia fortemente influenciada por estudos longitudinais e de casos e em situações dialógicas/interativas. Tais diferenças, entretanto, não se configuram incompatibilidades no olhar que se lança aos fenômenos.

¹⁰ Passo a adotar este termo após ter explicitado a compatibilidade com os outros, pois minhas leituras e, portanto, essas pesquisas, foram fortemente marcadas por leituras bakhtinianas. As demais abordagens também se resistem ao discurso biomédico hegemônico.

¹¹ Na Universidade Estadual do Sudeste da Bahia (UESB), foi criada recentemente a linha de pesquisa “Aquisição e Patologias da Linguagem” que conta com docentes que se doutoraram no IEL/UNICAMP e adotam uma abordagem enunciativo-discursiva. Outros exemplos são os membros dessa banca, Elenir Fedosse, que atualmente leciona na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Lou-Ann Kleppa, que leciona na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

explicitando como a área vem refinando os pressupostos teórico-metodológicos, ao (re)significar velhos termos e propor outros, discutindo criticamente a semiologia das afasias.

Para alcançar esses objetivos, revisitamos os trabalhos realizados nos últimos 25 anos, no âmbito da Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva¹². Com intuito puramente didático, dividimos as questões desta dissertação em duas partes:

Na **primeira parte**, trataremos de questões epistemológicas de base para as pesquisas que adotam a abordagem enunciativo-discursiva, dentre as quais a relação entre *síndrome*, *sinal/sintoma* e a relação entre normalidade e patologia. Trataremos, ainda, dos conceitos de *cérebro*, *sujeito* e *linguagem* que permeiam as pesquisas realizadas no período e que estão subjacentes à opção metodológica nos trabalhos.

A **segunda parte** reúne trabalhos desenvolvidos na Neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva nos últimos 25 anos e que discutem itens correntemente utilizados na semiologia das afasias. É necessário esclarecer que o nosso recorte visa trazer para análise apenas os trabalhos que se ocupam de itens semiológicos, mesmo que não sejam estes o ponto central das pesquisas que compõem o *corpus*. Os itens semiológicos selecionados foram: *agramatismo* (Coudry, 1986; Guindaste, 1996; Novaes-Pinto, 1992, 1997 e 1999; Kleppa, 2008); *fala telegráfica* (Novaes-Pinto, 1992 e 1999; Kleppa, 2008); *anomia* (Rajer, 2010); *automatismo* e *estereotipia* (Viscardi, 2005 e 2010); *circunlóquio*, *digressão* e *confabulação* (Morato, 1995 e 2010; Canoas-Andrade, 2009); *jargonafasia* (Morato e Novaes-Pinto, 1997; Novaes-Pinto; Morato, 1998; Ishara, 2004); *neologismo* (Morato; Novaes-Pinto, 1998); *parafasia* (Rapp, 2003; Reisdorfer, 2007; Túbero, 2010); *perseveração* (Saraiva, 2004); e *síndrome frontal leve* (Gandolfo, 1994).

As pesquisas que selecionamos são predominantemente estudos de casos (ou remetem a estudos de casos previamente realizados), pois esses permitem uma visão mais abrangente e, ao mesmo tempo, atenta a singularidades – dos sujeitos e dos próprios fenômenos. Como seus *corpora* são compostos por dados que emergem em situações dialógicas ou por meio de versões protocolares¹³, permitem que observemos a linguagem em seu *funcionamento*. Mesmo os trabalhos que se referem ao uso de testes-

¹² A pesquisa foi realizada por meio de busca no *site* da biblioteca do IEL, por palavras-chave, geralmente pelos itens semiológicos. Não podemos afirmar, entretanto, que todos os trabalhos efetivamente desenvolvidos tenham sido acessados, por diferentes razões.

¹³ Chamamos de versões protocolares as avaliações não-fechadas ou estáticas que podem, quando necessário, recorrer também a atividades metalingüísticas, visando compreender uma dificuldade específica. Constam dessas versões protocolares, provérbios, piadas, textos em gêneros diversos etc.

padrão, o fazem com o objetivo de comparar criticamente resultados àqueles que emergem em situações de *funcionamento* da linguagem.

Finalizando esta dissertação, apresentamos um pequeno texto que chamamos de “considerações de *passagem*”, no qual tratamos da possibilidade de abordagens não-dicotômicas dos fenômenos observados nas patologias. *De passagem* justifica-se pela continuidade que se pretende dar ao tema, na tese de doutorado.

Primeira Parte

Questões Epistemológicas da Neurolingüística de Orientação Enunciativo-Discursiva

In seeing how conceptualizations have changed overtime, the newcomer will also understand that so-called facts are not intransmutable but are subject to replacement or reinterpretation.(Cytowic, 1996: 3)

Primeira Parte

Questões Epistemológicas da Neurolingüística de Orientação Enunciativo-Discursiva

1.1 Introdução

Uma vez que o objetivo central de nossa pesquisa é apresentar e discutir trabalhos que destacam itens semiológicos, convém explicitar primeiramente o que entendemos por *semiologia* e, sobretudo, como esta foi construída no campo das afasias.

O termo *semiologia* se origina do grego σημειολογία *semeion* (sinal) + *logos* (estudo). Dessa forma, seria o estudo dos *sinais*. No campo da Medicina, é comum observar o estudo das patologias e suas classificações. Trata-se de um termo genérico, que agrega um conjunto (ou constelação) de *itens semiológicos*, por sua vez destinados a nomear cada um dos *sinais/sintomas* que, reunidos de acordo com a frequência de ocorrência, definem as *síndromes* ou *categorias clínicas*.

Segundo Caplan (1987), a Neuropsicologia é a área mais prolifera em relação à produção de itens semiológicos. A esse respeito, Sacks (1995: 20) afirma que:

A palavra favorita da neurologia é déficit, significando deterioração ou incapacidade de função neurológica, perda da fala, perda da linguagem, perda da memória, perda da visão, perda da destreza, perda da identidade e inúmeras outras deficiências e perdas de funções (ou faculdades) específicas. **Para todas essas disfunções (outro termo muito empregado), temos palavras privativas de todo tipo – afonia, afemia, afasia, alexia, apraxia, agnosia, amnésia, ataxia – uma palavra para cada função neural ou mental específica** da qual os pacientes, em razão de uma doença, dano ou incapacidade de desenvolvimento, podem ver-se parcial ou inteiramente privados (grifos nossos).

Segundo Sacks (1995) e Canguilhem (1995), abordagens que privilegiam o déficit ignoram que não se pode avaliar uma “doença” sem se considerar o *sujeito*, aquele que reage, lida e convive com a patologia, na busca por um estado de *equilíbrio*.

Tradicionalmente, a afasia é definida como uma *patologia* de linguagem provocada por uma lesão focal. Coudry (1986/1988) altera significativamente essa definição:

A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.

A autora, além de dar relevância ao aspecto lingüístico, evidencia o fato de a patologia estar associada a um sujeito *real*, fato que não deve ser ignorado no processo de diagnóstico e terapia, menos ainda nas pesquisas que envolvem afásicos¹.

Lecours *et al.* (apud Novaes-Pinto, 1999) afirmam que não há consenso sobre a semiologia das afasias, porque esta é elaborada de acordo com os construtos teóricos das diferentes áreas. São tais construtos que determinam quais serão os agrupamentos dos *sinais em síndromes*.

A semiologia atualmente utilizada para a classificação das afasias, na literatura em Neuropsicologia e Neurolingüística, é basicamente a mesma do século XIX, quando se acreditava numa relação direta e unívoca entre áreas específicas do cérebro e as funções superiores, dentre as quais a linguagem. Segundo Foucault (1998), a semiologia tem uma relação estreita com a *vontade de verdade* da época e, conseqüentemente, com a relação entre *ver* e *dizer*. Causa estranhamento que, apesar do avanço no conhecimento do funcionamento cerebral e mesmo do próprio funcionamento da linguagem, a semiologia permaneça imutável. Uma explicação para isso seria, de acordo com Novaes-Pinto e Santana (2009: 20), que “como o conhecimento de uma área vai sendo construído das propostas dos antecessores, a semiologia acaba sendo cristalizada ao longo do tempo, mesmo que os conceitos sejam criticados e reformulados”. As palavras de Luria (1977: 67) já apontavam para uma preocupação do autor com relação a essa questão:

Contemporary approaches to aphasia do not differ significantly from those formerly described by classical neurologists; Broca's and Wernicke's basic views have remained unchanged up to our time. [...] These basic concepts continue to be used, without significant changes, in modern neurological clinics, and although no one now takes the idea of separate centres of higher mental functions and their inter-connexions seriously, no real attempts have been made to revise these tenets of classical neurology.

A pluralidade de itens semiológicos que compõem as categorias clínicas freqüentemente confunde tanto aqueles que estão entrando em contato com a disciplina, quanto os que vêm se dedicando a fenômenos específicos há muito tempo. As definições são muitas vezes contraditórias e devem ser analisadas criticamente. Por exemplo, o termo *agramatismo* significaria *sem gramática*. Entretanto, é impossível que

¹ Ressaltamos, entretanto, que, se nosso foco é a linguagem em funcionamento e não as questões que relacionam diretamente a linguagem ao cérebro (ao local da lesão), não seria essencial ou prioritário defender que a afasia seja decorrente especificamente de uma lesão focal. Nesse caso, poderia ocorrer também em decorrência de lesões difusas ou em outras patologias que, de alguma forma, comprometam o funcionamento integrado do SFC. Temos ciência de que se trata de uma discussão polêmica, mas a nosso ver necessária e pertinente no atual momento do desenvolvimento das neurociências.

alguém se comunique *sem uma gramática*, por mais que ela esteja alterada. Na fala referida como “telegráfica”, apesar da omissão ou substituição de elementos funcionais (preposições, artigos, conjunções), a própria ordem na organização dos elementos de conteúdo (substantivos, verbos, adjetivos) é resultado do funcionamento – ainda que alterado – de uma gramática. Questões como esta serão objeto de análise na segunda parte e só fazem sentido se considerarmos que a afasia é uma questão de *linguagem* (como apontava Jakobson, 1975a).

Em publicação recente, sobre a questão específica da semiologia das afasias, Morato (2010) afirma que

[...] quando nos deparamos com a expressão “semiologia das afasias”, temos de nos certificar se estamos nos referindo basicamente ao sistema lingüístico e seus níveis ou mecanismos de constituição (isto é, à língua em *strictu sensu*), ou ao funcionamento da linguagem e aos processos afeitos a ela, verbais ou não verbais.

A nosso ver, se uma semiologia das afasias quiser ser ao mesmo tempo sólida e abrangente, não pode se reduzir a uma semiologia da língua *strictu sensu*, mas sim pensar em uma semiologia da linguagem em funcionamento amplo: estrutura e funcionamento.

A autora, na citação que se segue, explicita o papel dos estudos, na perspectiva sócio-cultural, que “coloca em xeque” a semiologia tradicional:

A semiologia das afasias é [...] primeiro estabelecida no âmbito da prática médico-diagnóstica, com vistas à identificação da sintomatologia apresentada pelo paciente (baseada sobretudo na linguagem, tomada como uma espécie de “mina de informações” sobre conteúdos mentais tidos como inacessíveis ao clínico ou ao investigador) e ao estabelecimento de uma correlação anatomoclínica, base do localizacionismo que predominava na antiga Afasiologia do século XIX. O estudo das afasias mostrou-se, posteriormente, capaz de colocar em xeque tanto a semiologia tradicional, quanto o próprio localizacionismo cerebral [...]. (Morato, 2010: 14)

O estudo das afasias ao qual a autora se refere data de meados dos anos 80, quando começou a ser desenvolvida uma Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva², se opondo à Neurolingüística tradicional, tanto pelas concepções mais fundamentais – como as de *sujeito*, *cérebro* e *linguagem* – quanto pelos métodos adotados na pesquisa, privilegiando abordagens qualitativas e dados que emergem em situações dialógicas³, a partir do acompanhamento longitudinal dos sujeitos.

Tal método de acompanhamento, que ocorre tanto nas sessões dos grupos de convivência, quanto em sessões individuais, permite visualizar o funcionamento da linguagem desses sujeitos em diferentes momentos e, dessa forma, podemos

² Conforme dito anteriormente, consideramos como obra fundadora a tese de 1986 defendida por Coudry.

³ A esse respeito, veremos adiante como a noção bakhtiniana de *dialogismo* é fundamental para a abordagem enunciativo-discursiva que adotamos.

compreender a instabilidade do quadro afásico e o fato de certos fenômenos, como as parafasias, também ocorrem nos enunciados de sujeitos não-afásicos que participam da sessão, o que vem a corroborar a crítica que fazem Canguilhem (1995) e Sacks (1997) sobre a noção de “patologia”.

Em geral, a literatura posiciona o *normal* e o *patológico* em pólos opostos e estáveis. Essa concepção tem implicações para a semiologia, uma vez que qualquer *senal* ou *sintoma* é tomado como uma alteração de um processo normal e deve ser imediatamente enquadrado em uma *síndrome*. Os parâmetros para avaliar normalidade e patologia são tomados como universais e independentes de elementos externos ao indivíduo – localização geográfica, a cultura local ou seus hábitos particulares.

Vygotsky (1984) cunha o termo *extracortical* – em seguida adotado por Luria – para se referir aos fatores considerados exteriores ao cérebro e sua interferência no seu funcionamento (Kotik-Friedgut, 2006). Com isso, o autor expande a própria noção de cérebro, que não seria constituído somente pelos níveis sub-cortical e cortical, mas sim a partir da sua relação com o meio, com o outro e com a cultura. Essa noção é usualmente referida na literatura neuropsicológica como *influência epigenética* (Annunciato, 1995), compatível com nossa abordagem, justamente porque é de natureza sócio-histórico-cultural.

A observação dos fenômenos em relação a um *ideal* e deslocada do contexto de produção se tornou habitual na clínica e nas pesquisas que se pretendem científicas, justamente pelo rigor metodológico⁴. As categorias advindas desse método se constituíram como *moedas lingüísticas* para as trocas entre profissionais. Entretanto, conforme a epígrafe desta primeira parte, a semiologia não deveria permanecer sempre a mesma, pois o conhecimento que se tem de um fenômeno não é estanque. Ao contrário, sempre se atualiza e se reformula.

Uma vez que a semiologia utilizada atualmente data do século XIX, é preciso investigar também por que ela se constituiu dessa forma. Segundo Foucault, como vimos anteriormente, cada época se relaciona a uma *vontade de verdade*, que condiciona a relação entre *ver* e *dizer* em diferentes momentos históricos. Novaes-Pinto (1999, 2009) relaciona a tradição nominalista do século XIX ao fato de as categorias passarem a ser prévias às observações, quando o papel do clínico era apenas o de

⁴ Incluindo grande número de sujeitos, uso de testes-padrão e aproximações estatísticas que foram e serão criticadas de diversas formas nesta pesquisa, como meio justamente para avaliar uma linguagem ideal, que não corresponde, de fato, a sujeito algum, mas se pretende universal.

encaixar nelas os sujeitos e as patologias, chegando aos diagnósticos que a instituição (clínica) requer.

Cabe ainda salientar que a maioria dos trabalhos consultados opta pelos *estudos de casos* como um dos aspectos da metodologia. Além das discussões sobre os itens semiológicos, explicitaremos também alguns desses aspectos metodológicos. Miceli (2001) enfatiza a relevância dos estudos de casos para o conhecimento que se tem hoje sobre o funcionamento cerebral e sobre as funções superiores:

Much of the theoretical progress in the neurology and neuropsychology of aphasia results from the detailed study of individual aphasic subjects. Single-case studies have proved to be a powerful heuristic tool in cognitive neurology/neuropsychology, and with time they have provided an impressive body of evidence, demonstrating the complex architecture of the linguistic system.

1.2 Relações fundamentais

Neste sub-item, apresentaremos algumas discussões caras à Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva e que estão, implícita ou explicitamente, em todos os trabalhos desenvolvidos na área.

1.2.1. Sinal/sintoma & síndrome

Foucault (2008: 18) afirma que a *vontade de verdade*, quando apoiada em uma instituição – como a clínica –, “tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”. Podemos pensar, portanto, que, como as primeiras classificações da afasia vieram de um campo já institucionalizado – a Medicina –, seja mais difícil que classificações advindas de outras áreas, como a Lingüística, penetrem nesse campo. Além disso, quando penetram, muitas vezes são tomadas de forma superficial ou mesmo equivocada. De fato, é possível observar a ocorrência dessas imprecisões em relação, por exemplo, aos conceitos de *neologismo* e *jargão*, que são inadequadamente utilizados, de acordo com Morato & Novaes-Pinto (1997, 1998) para se referirem à produção de parafasias nas afasias fluentes.

Na literatura neuropsicológica, as *síndromes* são conjuntos estáveis de *sintomas* e estes – no caso das afasias – são avaliados por meio de testes metalingüísticos. Caplan (1987) afirma que há uma noção mais *fraca* e uma mais forte de *síndrome*. Uma noção forte é encontrada em Caramazza (apud Novaes-Pinto, 1999).

Uma síndrome poderia ser considerada como a unidade mínima de análise para a identificação do(s) módulo(s) que se suponha afetado(s) em um paciente. Em outras palavras, uma síndrome deveria ser definida como o conjunto de todos os sintomas que refletem o distúrbio de um componente de processamento específico. Esta definição de síndrome tem como consequência implícita a existência de complexos não-dissociáveis de sintomas que correspondem ao distúrbio de um único componente. [...] Portanto, uma outra consequência desta abordagem é a de que a co-ocorrência necessária de sintomas define a identificação de módulos de processamento cognitivo, e seu funcionamento interno, enquanto que a dissociação de sintomas reflete a independência de componentes de processamento.

De acordo com essa noção mais forte, que exige a co-ocorrência, em todos os casos, de um conjunto de *sintomas*, a tendência é que se force um enquadramento dos déficits dos sujeitos em categorias estanques. A noção fraca de síndrome, a que Caplan (1987) se refere, requerer que os *sintomas* co-ocorram numa frequência “acima da média”, ou seja, é uma definição que abrange uma certa variação – embora ainda conceba as *síndromes* em termos dos déficits (Novaes-Pinto, 1999).

Um dos objetivos desta pesquisa, realizada sob a orientação enunciativo-discursiva é precisamente o de “questionar nossa vontade de verdade” (Foucault, 2008: 51). Foucault afirma, a esse respeito, que “é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (Foucault, 2005: 24) É frente a esses recortes que muitos trabalhos que serão apresentados na segunda parte desta dissertação se apresentam como *discursos de resistência*.

Vontade de verdade, poder e resistência são elementos fortemente relacionados, já que a *resistência* é constitutiva do *poder* e este é parte integrante das instituições que apóiam a *vontade de verdade* que, por sua vez, exerce uma pressão coercitiva – conferida pelo poder da instituição – sobre a sociedade, gerando pontos de *resistência*. (Foucault, 2009). Isso indica, portanto, o caráter cíclico dessas relações de poder. Entendemos, assim, que as pesquisas realizadas na perspectiva sócio-histórico-cultural, de cunho longitudinal e qualitativo, desde os primeiros trabalhos de Coudry na década de 80 são discursos de *resistência* em relação ao discurso clínico dominante. Considerar o sujeito na sua relação com a linguagem, o uso efetivo da língua e não uma língua como sistema fechado e estável ou uma competência de um falante-ideal, por sua vez, constitui-se também como um discurso de *resistência* em relação a uma certa Linguística – a das formas.

O que defendemos não é a extinção de categorias, mas uma análise crítica e um diagnóstico em termos do que o sujeito consegue produzir e como ele consegue produzir, apesar dos limites impostos pelas afasias.

1.2.2. *Normal & patológico*

Canguilhem (1995) critica a abordagem polarizante e binária observada na Medicina, citando exemplos essencialmente fisiológicos e mostrando o quanto os costumes alteram a idéia do que é normal ou não para um indivíduo. De acordo com o autor:

Não existe fato que seja normal ou patológico em si. A anomalia e a mutação não são, em si mesmas, patológicas. Elas exprimem outras normas de vida possíveis. Se essas normas forem inferiores – quanto à estabilidade, à fecundidade e à variabilidade da vida – às normas específicas anteriores, serão chamadas patológicas. Se, eventualmente, se revelarem equivalentes – no mesmo meio – ou superiores – em outro meio – serão chamadas normais. Sua normalidade advirá de sua normatividade. O patológico não é a ausência de norma biológica, é uma norma diferente, mas comparativamente repelida pela vida.

Trazendo para o campo específico da afasiologia, essa polarização faz perder de vista o fato de os quadros das afasias não são estáveis ou permanentes. Os estudos realizados sob orientações sócio-histórico-culturais vêm mostrando que um afásico não apresenta sempre a mesma afasia, nem o mesmo *grau de severidade*⁵ todo o tempo. Em alguns episódios, a fala do afásico pode facilmente ser confundida com uma fala de um não-afásico (Novaes-Pinto, 1999). A fim de exemplificar, reproduziremos abaixo dois dados do sujeito P, que, segundo a literatura tradicional, seria considerado *agramático*: o primeiro data de 1984 (Coudry, 1986) e o segundo data de 1996 (Novaes-Pinto, 1997).

[1984: Investigador e P observam a foto de um casal jantando à luz de velas]

Inv.: O que estão fazendo?

P: Homem, mulher, lâmpada.

[1996: Investigador pergunta a P sobre o final de semana]

P: “Olavo, Ordália e eu fomos lá no shopping comprar um presente”

⁵ Esta noção será aprofundada mais adiante.

Os dados ilustram que o quadro afásico não é sempre o mesmo e que, nas afasias, ocorre a movimentação no eixo entre *normalidade* e *patologia*, conforme Canguilhem (1995) postula. Além disso, dada a distância cronológica na produção dos dois dados, é impossível ignorar os efeitos terapêuticos da perspectiva defendida por Coudry (1986/1988). Segundo Novaes-Pinto (2006: 1733),

A linguagem do afásico, em certas situações dialógicas, *fica* mais indeterminada. Com relação ao eixo normal-patológico, é na dificuldade de determinar o sentido [...] que a alteração causada pela afasia afasta o enunciado dos parâmetros *normais* (da *média típica*, proposta por Quetelêt, assumida por Canguilhem para um sujeito *possível*). Como há um movimento constante nesse eixo, explica-se também o fato de que o afásico não é afásico o tempo todo. Portanto, o grau de severidade não é o mesmo para o mesmo sujeito afásico o tempo todo.

A semiologia correntemente adotada patologiza elementos da fala dita normal, como as trocas lexicais – que, no âmbito das patologias, são chamadas *parafasias* – ou a simples presença de pausas e hesitações. Quer dizer, segue em sentido oposto ao que postula Canguilhem quando afirma que não há fato normal ou patológico em sua essência.

O autor retoma a proposta de Quetelêt e reforça a necessidade da adoção de uma metodologia que privilegie o conceito de *média típica* para a observação de fenômenos. Segundo essa noção, um mesmo sujeito deve ser comparado a si mesmo em diversos momentos – o que só é possível em um estudo de natureza longitudinal. Não é descartada a noção de um grupo *tipo* (tratado na literatura contemporânea também como grupo controle), tão caro às pesquisas quantitativas, mas essa noção é ressignificada, de forma que esse grupo deixa de ser um *ideal*, algo a que o sujeito deva equivaler para ser considerado *normal*. A clara vantagem desse método em relação à tomada da média aritmética é que, dessa forma, chega-se a um valor real, dado que o resultado é um valor que existe. Na média aritmética, o valor a que se chega tende a não coincidir com nenhum dos valores dados, gerando uma noção de norma a que nenhum dos dados corresponderia.

A busca por uma *norma* que se aplique a todos os sujeitos é baseada em métodos quantitativos de pesquisa. Na vertente tradicional da Neurolingüística, o instrumento mais amplamente utilizado é o teste-padrão, que visa o diagnóstico de alterações de linguagem ou outras disfunções cognitivas nas patologias. Há diversas baterias validadas, traduzidas e aplicadas geralmente da mesma forma, em todo o mundo, tanto para fins de pesquisa como na prática clínica de avaliação e acompanhamento

terapêutico. Análises quantitativas advindas dos resultados dos testes, aliadas a exames de neuroimagem, constituem grande parte da literatura prestigiada e considerada científica.

Coudry (1986/2001: 8-9) elenca as tarefas mais “representativas, do ponto de vista lingüístico”, encontradas em um levantamento dos principais testes-padrão para o diagnóstico de afasia. Tal lista será reproduzida a seguir, a fim de ilustrar a metodologia que visa descrever e analisar as alterações de linguagem, com propósitos classificatórios, geralmente em função daquilo que o sujeito não consegue fazer:

1. repetição de “fonemas” ou de palavras monossilábicas em que se pede ao paciente que reproduza sons produzidos pelo investigador ou a partir de uma lista impressa de palavras monossilábicas comuns;
2. repetição de logatomas (...) visando avaliar o reconhecimento, por parte do afásico, do sistema fonético-fonológico de sua língua;
3. soletração e repetição de palavras;
4. discriminação de palavras pareadas (de parônimas como pato/bato, fato/fado, etc.);
5. formação de palavras a partir de fonemas iniciais;
6. denominação de objetos (apresentados diretamente ou sob figuras e fotos) oralmente ou por escrito ou identificação do objeto, entre outros na figura, a partir de seu nome, visando a verificar a capacidade de nomear ou a de compreender um nome;
7. exercícios de linguagem automatizada (séries dos dias da semana, dos meses do ano, dos números, etc.);
8. verificação da fluência verbal mediante listagem de animais, países, profissões, flores, etc.;
9. definição de palavras fornecidas pelo examinador;
10. completar frases;
11. formação de frases simples a partir de palavras fornecidas pelo examinador;
12. descrição de uma figura: pede-se ao paciente que descreva os aspectos mais importantes de um quadro;
13. compreensão de frases simples, semicomplexas e complexas conforme o número de expansões de frases elementares;
14. explicação de provérbios;
15. exercícios sobre a morfologia e sintaxe da língua (dar o plural, o feminino de um nome, formar a passiva de uma frase);
16. exercícios sobre algumas relações semânticas (dar o antônimo ou o sinônimo de uma palavra ou locução, etc.);
17. repetição de parágrafos lidos pelo examinador;
18. leitura em voz alta de palavras, frases, parágrafos;
19. leitura silenciosa de parágrafos acompanhada de questões visando a avaliar sua compreensão;
20. cópia de palavras e parágrafos;
21. ditados de palavras e frases;
22. fala espontânea (...);
23. escrita espontânea (como em 22).

Um dos maiores problemas desse modelo é a descontextualização das tarefas. Novaes-Pinto (1999: 138) traz um exemplo disso quando cita a Bateria de Boston, de Goodglass & Kaplan (1986): “pede-se ao sujeito, entre outras coisas, que ‘dê duas batidinhas em cada ombro, com dois dedos e com os olhos fechados’” (Novaes-Pinto,

1999). A autora argumenta que a tarefa é ambígua e que, mesmo na aplicação do teste em sujeitos não-afásicos, houve grande variabilidade em sua execução.

Embora tratemos especificamente das afasias nesta dissertação, é importante ressaltar que os testes-padrão são utilizados também no diagnóstico e acompanhamento terapêutico de outras patologias. No exemplo abaixo, extraído de um trabalho de Novaes-Pinto (2007, p. 315-316), trazemos um dado do sujeito NB, avaliado – segundo a perspectiva tradicional – como provável Alzheimer em estágio inicial. Na atividade em questão, pretende-se avaliar se a capacidade de categorização está preservada ou não. Esta tarefa se relaciona, na literatura neuropsicológica, à *função executiva*, por sua vez ligada a um dos principais papéis dos lobos frontais – a regulação da própria linguagem e a capacidade de abstração. As perguntas são feitas no seguinte modelo: “*How are X and Y alike?*”. O sujeito marca 5 pontos se “acerta” e 0 se “erra”. Abaixo reproduzo a tabela formulada pela autora, com os escores do sujeito:

Palavras a categorizar	Respostas do sujeito NB	Escore atribuído e palavra-alvo
<i>piano x drum</i>	<i>They both make noise</i>	0 instrumentos musicais
<i>orange x banana</i>	<i>same color, fruit, tropical, tasty, buy them in a grocery store</i>	5 Frutas
<i>eye x ear</i>	<i>both detect from your surroundings</i>	0 órgãos do sentido
<i>boat x automobile</i>	<i>transport, take people to operate; go on a surface</i>	5 Meios de transporte
<i>table x chair</i>	<i>sit on both actually, 4 legs, stable (it has to be), can be connected</i>	0 móvel
<i>work x play</i>	<i>How do you make work into play? That should be the question... How are they alike? They can both be fun...</i>	0 atividades sociais humanas
<i>steam x fog</i>	<i>basically the same. When the humidity is high, you can't see through.</i>	0 água em estado gasoso
<i>egg x seed</i>	<i>They are both eatable</i>	0 dão origem à vida
<i>democracy x monarchy</i>	<i>they are both ruled by despots; both serve for controlling the people...</i>	0 formas de governo
<i>poem x statue</i>	<i>They can both be beautiful</i>	0 formas de arte
<i>praise x punishment</i>	<i>They both make you feel good; result of a behavior</i>	0 resultado de um julgamento
<i>fly x tree</i>	<i>Living creatures, air movement</i>	5 seres vivos
<i>hibernation x migration</i>	<i>Ways to avoid the winter, the bad weather, seasonal; birds do it... I don't know if fish</i>	5 comportamentos em função do tempo
<i>enemy x friends</i>	<i>They are both your neighbors, people that have attitude that might change...</i>	0 pessoas que você conhece/convive

Podemos observar que, para pontuar no teste, não basta o sujeito categorizar, mas ele precisa encaixar na categoria semântica específica que o teste propõe. De acordo com Novaes-Pinto, as respostas de NB revelam que o sujeito consegue abstrair e fazer inferências extremamente complexas. Esse *trabalho* linguístico/cognitivo do sujeito também pode ser verificado quando

[...] ele pede para que o examinador lhe explique como é possível, por meio das perguntas dos testes, saber como ele está por dentro (referindo-se ao cérebro). O estagiário respondeu que compara os resultados dos testes anteriores com os atuais. NB, então, infere rapidamente, brincando: *So... the trick is not to do so well on this one, do better next time...* (Novaes-Pinto, 2007: 317)

Aspectos problemáticos que podem surgir de tarefas baseadas nas propostas da lista apresentada por Coudry (2001) são, por exemplo, a relação com a faixa etária e o nível de escolaridade, além de instruções pouco claras ou que remetem a elementos subjetivos, muito particulares em relação aos sujeitos. Novaes-Pinto (1999) afirma que, nas baterias de testes, geralmente elaboradas em inglês e originadas nos Estados Unidos ou outros países desenvolvidos, a escolarização divide-se “em apenas dois grupos de indivíduos: com menos de 12 anos de escolarização ou com mais de 12 anos. Em um país como o Brasil, isso significaria dizer que cerca de 5% de nossa população poderia ser avaliada pelos critérios do teste e 95% não” (1999: 130).

Além disso, são ignoradas as *variantes estilísticas* ou *de registro*, sobre as quais fala Camacho (2002). De acordo com o autor, elas “referem-se ao grau de formalidade da situação e ao ajustamento do emissor à identidade social do receptor”. Bakhtin (2003: 301) também trata da noção de *estilo individual* – além da noção de *estilo* e de *gênero*. Segundo o autor, esse estilo é determinado por diversos fatores, a saber:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou quem escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado.

Pelas razões aqui defendidas, podemos dizer que o resultado dos testes não equivale às reais dificuldades dos sujeitos. Entretanto, têm objetivos como os indicados por Goodglass & Kaplan (1986 apud Novaes-Pinto, 1999, p. 126):

O exame da afasia pode dirigir-se a um dos três objetivos gerais:

1. Diagnóstico da presença e tipo de síndrome afásica, possibilitando inferências com respeito à localização cerebral.
2. Avaliação do nível de rendimento, tanto para a determinação inicial, como para detectar mudanças através do tempo.

3. Avaliação global das dificuldades e possibilidades do paciente, em todas as áreas da linguagem, como guia para o tratamento.

Embora os autores façam ressalvas em relação ao teste e recomendem que o mesmo não seja tomado como um resultado absoluto, observamos que a sua aplicação serve tanto para fins de pesquisa quanto para trabalho clínico com a linguagem.

O primeiro objetivo caracteriza a posição localizacionista, ainda valorizada nas pesquisas atuais em Neurociências. Com a tecnologia de imagens de que atualmente dispõem os profissionais dos grandes centros urbanos, já não se torna mais necessário correlacionar a lesão com o déficit lingüístico supostamente causado por ela, a partir da avaliação neuropsicológica tradicional.

Os outros dois objetivos mencionados acima na citação de Goodglass & Kaplan também não são plenamente alcançados pela utilização do teste, especialmente pela descontextualização das tarefas. Por outro lado, Coudry (1986/1988) mostra como atividades contextualizadas apresentam resultados mais significativos para a compreensão do *funcionamento real* da linguagem. Um exemplo dessa abordagem é o estudo de caso do sujeito N, que falha no teste de nomeação, mas acerta quando ela ocorre no contexto enunciativo:

INV. – O senhor está sentado onde?

N. – Cadera. (E acrescentou:) Se você tivesse perguntado o nome, eu não sabia. Mas assim lembro. Se pergunta “o que é isso”, não sai.

Observando um exemplo como este, é possível notar que, em situação dialógica, a avaliação se torna muito mais relevante para se inferir a respeito dos processos lingüístico-cognitivos envolvidos. A literatura neuropsicológica moderna também está repleta de exemplos. Goldstein (1933) relata um episódio no qual seu paciente, durante um teste de nomeação, não conseguiu dizer “guarda-chuva”, mas responde ao autor: “Não posso me lembrar como isso é chamado, porém tenho diversos guarda-chuvas em casa”. Jackson (1884) narra que muitos pacientes não conseguiam dizer “não” quando era pedido, mas muitas vezes respondiam “Não, doutor, eu não consigo dizer *não*”. Esses dados indicam que muitas vezes os testes podem gerar *falsos positivos* devido à descontextualização das tarefas.

As unidades privilegiadas pelos testes – palavras e orações –, como aponta Bakhtin (2003), são abstrações, recursos da língua que só têm valor no enunciado, este sim a unidade real da comunicação verbal, o que reforça o argumento da artificialidade

das tarefas metalingüísticas, quando o objetivo seria compreender o funcionamento da linguagem. Nas palavras do autor:

Quando se analisa uma oração isolada, destacada do contexto, os vestígios do direcionamento e da influência da resposta antecipável, as ressonâncias dialógicas sobre os enunciados antecedentes dos outros, os vestígios enfraquecidos da alternância dos sujeitos do discurso, que sulcaram de dentro o enunciado, perdem-se, obliteram-se, porque tudo isso é estranho à natureza da oração como unidade da língua. Todos esses fenômenos estão ligados ao todo do enunciado, e onde esse todo desaparece do campo de visão do analisador deixam de existir para ele.

A crítica de Bakhtin não incide especificamente sobre os modelos, desde que esses sejam tomados apenas como modelos, tendo em vista os limites explicativos dos mesmos. Caso contrário, se eles têm como objetivo referir-se ao todo da linguagem, transformam-se em *ficção científica* (2003). De acordo com Novaes-Pinto (2006:),

A análise do processo dialógico e dos recursos alternativos dos quais se utiliza [o afásico] [...] nos revelam muito mais sobre sua afasia e sobre aspectos do processamento lingüístico e do grau de severidade que a afasia impõe para sua atividade de produção.

Destacamos da citação anterior a importância conferida ao estudo dos *processos*. Segundo Vygotsky (1984), é a análise dos processos – em oposição à tradicional análise dos objetos – que permite a compreensão da essência dos fenômenos. O autor defende que essa análise também é objetiva e não menos “científica” do que os métodos puramente descritivos de análise dos objetos.

Como alternativa às abordagens predominantemente quantitativas, Coudry (1986/1988) propõe que as alterações de linguagem nas patologias sejam estudadas em situações interativas entre os sujeitos, sendo essas interações as unidades de análise para a compreensão dos fenômenos na normalidade e nas patologias. Essa metodologia possibilita a emergência de enunciados singulares que dão visibilidade precisamente aos processos, como defende Vygotsky (1984) e se assemelha à proposta de Ganguilhem, que postula que, em lugar do uso da *média aritmética* para se chegar a um valor equivalente à normalidade, seja utilizada a *média típica*, que indica o que seria a normalidade para um dado sujeito a partir do que tende a ser mais freqüente para o mesmo, naquele caso, naquele momento da avaliação.

Somente a partir do conhecimento desses dados é que se pode avaliar os possíveis desvios em relação a uma norma. Em, outras palavras, seria possível concluir se haveria ou não comprometimento da linguagem ou de outras funções.

A visão não dicotômica dos fenômenos, ou seja, quando entendemos a relação normal/patológico como um processo *dinâmico* e *contínuo*, possibilita compreender

fenômenos patológicos como *alterações* de processos normais subjacentes, que revelariam a busca dos sujeitos por um estado de *equilíbrio*, próprio da relação contínua e não radicalmente polarizada entre *normal* e *patológico*.

1.2.3. *Moedas lingüísticas*

Se a questão da semiologia parece tão problemática, podemos nos perguntar se há explicação para a sua manutenção. De acordo com Porter (1997), o *nome* para uma doença serve como *moeda lingüística*, ou seja, como uma forma de viabilizar a comunicação entre médico e paciente:

A terminologia médica fornece um bom exemplo das múltiplas funções que a linguagem tem de desempenhar. É um jargão técnico, exclusivo, e ainda assim deve servir para a comunicação (ou, às vezes, a descomunicação) entre médico e paciente, e para possibilitar a este compreender a doença. (p. 365)

Ainda segundo o autor,

[...] ao dar um rótulo ao problema espera-se diminuir a ansiedade da ignorância. A nomeação de doenças envolve classificação, promove o prognóstico e indica a terapia. Como diz o velho ditado, uma doença nomeada é uma doença quase curada. (p. 366)

Essa última passagem aponta para uma necessidade que o paciente e sua família têm de obter uma resposta que nomeie e explique a doença. Nos casos que requerem um trabalho interdisciplinar, como no estudo da afasia, seria desejável a comunicação entre médicos e outros profissionais envolvidos, seja na clínica ou na pesquisa (fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e lingüistas). Talvez essa característica –da interdisciplinaridade – seja a principal justificativa para a permanência de uma semiologia já tão antiga.

Por outro lado, os diagnósticos, quando passam a servir tão somente como rótulo, revelam também um lado perverso. Morato et al. (2002) afirmam que os sujeitos afásicos são vítimas de *preconceito lingüístico*, sendo muitas vezes excluídos dos momentos de interação no contexto familiar ou são mal compreendidos por interlocutores que não são qualificados. Essas questões não são exclusivas do campo das afasias e têm sido abordadas, mais frequentemente, por pesquisadores que se dedicam às dificuldades de linguagem ou de aprendizagem em crianças com ou sem patologias.

Em publicação recente, Coudry (2010: 98) afirma que, no Brasil, a frequência com que crianças de sete anos são diagnosticadas com algum “distúrbio” tem aumentado significativamente:

Se a criança *trocar* letras, não escrever ortograficamente, não entender um enunciado matemático ou se distrair durante a cópia da lousa tem algum *problema*, que logo terá um rótulo de patologia, como dislexia ou o chamado transtorno do déficit da atenção com e sem hiperatividade (TDAH), alteração do processamento auditivo, dificuldade de aprendizagem e, mais recentemente, transtorno desafiador opositor (TDO).

Welsh et al. (2007)⁶ revelam um lado econômico que afeta diretamente a *epidemia de diagnósticos* que observamos atualmente:

A epidemia de diagnósticos tem muitas causas. Mais diagnósticos significa mais dinheiro para a indústria farmacêutica, hospitais, médicos e advogados. [...] Se, por um lado, uma falha no diagnóstico pode ser objeto de uma ação judicial, por outro não existe qualquer punição para diagnósticos exacerbados”.

Com relação ao excesso de patologização, acreditamos que seja relevante citar os trabalhos desenvolvidos desde 2004, quando passou a funcionar, no IEL/UNICAMP, o Centro de Convivência de Linguagens (CCAzinho), um espaço que acolhe crianças com diagnóstico das mais diversas patologias relacionadas às dificuldades com leitura e escrita. No CCAzinho, as crianças são reavaliadas a partir de uma abordagem enunciativo-discursiva e percebe-se, em muitos casos, que elas não têm patologia alguma. Muitas das dificuldades são comuns no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Caso essas crianças não tivessem chegado ao CCAzinho, permaneceriam com o rótulo, mesmo equivocado, o que certamente teria repercussões durante toda a vida acadêmica e social.

Um dos exemplos que revelam o estigma que um diagnóstico promove na vida de um sujeito pode ser encontrado em Freire (2005), que realizou um estudo de caso com o sujeito AL, com *síndrome frontal*. A autora apresenta o caso da seguinte forma:

AL conta que sempre apresentou dificuldades na escola. Não conseguia ler e escrever como seus pares. Passados os primeiros anos escolares – durante os quais os erros de leitura e de escrita são tolerados – suas dificuldades ficaram mais evidentes. Recorda-se de sua professora que o chamava, publicamente, de “burro”, “indisciplinado” e que batia em sua mão. A família, orientada pela escola, procurou auxílio de um especialista. Os testes revelaram que AL era “dislético”. Sem saber como proceder em relação às obrigações escolares e sem condições financeiras de manter um atendimento especializado, a família pouco pode fazer quando AL abandonou os estudos na 7ª série do ensino fundamental. Escrita e leitura se tornaram uma doença que o impedia de prosseguir na vida escolar (Freire, 2005: 19).

⁶ Disponível em: <http://www.fm.usp.br/tutores/bom/bompt56.php>

Nesse caso, em especial, a falha no diagnóstico foi reconhecida somente em decorrência do encaminhamento decorrente da síndrome frontal. Segundo a autora, AL jamais foi disléxico e o trabalho com a escrita – ao qual o sujeito resistiu inicialmente, devido ao estigma – foi fundamental para a melhora da auto-estima e o engajamento com as atividades propostas. Segundo a autora:

Dada a multiplicidade de objetivos da diagnose, a avaliação clínica que a produz deve se pautar em práticas sociais que fazem parte da história do sujeito, sob risco de ver o que não existe ou nomear o que só se dá a conhecer em condições ideais. A observação/análise do homem comum/real visa informar que aspectos podem estar interferindo no curso das funções que se mostram em desajuste/desequilíbrio, ponto de partida a ser continuamente revisitado no trabalho clínico. (Freire. 2010: 136)

Bordin (2010) indica um problema ainda mais grave: muitas vezes, os diagnósticos são realizados apenas verbalmente e guiados por tabelas ou questionários encontrados em *sites* como o da ABD – Associação Brasileira de Dislexia. Não raro, são os professores ou os próprios pais que realizam esse “diagnóstico”, enquadram a criança numa categoria e impõem a ela um rótulo.

Conforme veremos na segunda parte desta dissertação, mesmo que velhos termos continuem sendo usados, a fim de tornar possível essa comunicação entre profissionais, as teorias lingüísticas vêm agregando novos significados ou sugerindo uma terminologia que privilegie a linguagem e seu funcionamento e não apenas os fatores biológicos que até hoje prevalecem no diagnóstico das afasias.

Atualmente, observa-se uma valorização dos diagnósticos obtidos por meio de métodos quantitativos, sejam eles os testes-padrão, as neuroimagens ou associações entre esses dois métodos. Podemos dizer que a metodologia proveniente das ciências naturais é mais bem aceita pela comunidade científica. Como a Neurolingüística é uma área de interface, há um conflito entre a validação conferida pelos métodos quantitativos/estatísticos e as análises qualitativas.

1.3 Linguagem e cérebro: relação compreendida a partir de um sujeito real

Conforme dito anteriormente, a Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva surge se opondo à Neurolingüística tradicional em suas concepções mais fundamentais. Apresentaremos, a seguir, as regularidades conceituais encontradas em nosso *corpus*.

Como o primeiro trabalho – Diário de Narciso: afasia e discurso – (Coudry, 1986) é aquele ao qual hoje nos referimos como *fundador* da área, é nele que encontramos as concepções fundamentais: **(i)** relevância conferida ao sujeito na pesquisa; **(ii)** concepção de linguagem e **(iii)** funcionamento cerebral.

Percebemos, também, um movimento que se inicia como negação do modelo biomédico, mas não se resume a isso: as pesquisas propõem a mobilização de outros conceitos que, como veremos, passam a dar conta de fenômenos que os modelos tradicionais não abarcavam.

1.3.1. Concepção de *sujeito* e outras a ela relacionadas

Uma das primeiras preocupações que surgem nos estudos – e isso está presente na maioria dos trabalhos da área – é a concepção de *sujeito* que será mobilizada para dar conta dos aspectos teóricos e metodológicos das pesquisas. Apresentam-se, inicialmente, duas opções extremas e mutuamente excludentes: (i) o sujeito *assujeitado* – que é falado pela língua e pelos outros, assim concebido em algumas linhas da Análise do Discurso ou (ii) o sujeito *fonte do sentido*, destacado de qualquer lugar social, histórico ou ideológico.

No estudo das afasias, nenhum desses extremos serve adequadamente à pesquisa, pois é necessário, para compreender os impactos na linguagem e nos próprios sujeitos, considerar a sua constituição em meio à dimensão sócio-histórica-cultural, bem como no plano individual, único.

Os trabalhos em Neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva, desde Coudry (1986), negam esses extremos, bem como negam a postura da Neurolingüística tradicional de apagamento do sujeito e de tudo aquilo de singular que emerge dos dados:

No caso dos afásicos, o modo como eles têm sido tradicionalmente avaliados, revela sempre o ponto de vista de quem reproduz um sistema de regras e categorias fixas em que inexiste um lugar para o exercício subjetivo da linguagem. O afásico é sempre quem recebe os comandos do sistema e, nesse sentido, não passa pela experiência de constituir-se como locutor, perspectiva de quem produz um discurso sob a cobrança de uma “falta” sob o parâmetro do sistema (Coudry, 2001: 68)

Todas as pesquisas consultadas⁷ – tratando ou não de itens semiológicos – partilham da posição acima citada. A partir de Novaes-Pinto (1999), os conceitos bakhtinianos ganharam expressão nos trabalhos da Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva. Como estão profundamente relacionados entre si, ao pinçar de sua obra um deles, os outros necessariamente vêm junto. Portanto, para compreender em sua obra a concepção de *sujeito*, por exemplo, seria necessário apresentar o que o autor entende por *dialogia/dialogismo*, *alteridade*, *identidade* e, perpassando essas questões, as noções de *ética* e de *ato responsável*.

A concepção bakhtiniana de *sujeito* é adequada ao estudo das afasias porque apresenta uma solução dialética para a questão. Não se trata, como vimos, nem do sujeito fonte dos sentidos e nem do sujeito assujeitado (Novaes-Pinto, 2009). Sobral (2005a: 22) sintetiza a concepção bakhtiniana de sujeito, caracterizando-a como um *sujeito situado*:

A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção “negociada” do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido quanto um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.

Dessa forma, quando analisamos os dados sob uma orientação enunciativo-discursiva, estamos considerando o sujeito em situação dialógica, quando é estabelecida uma relação de interlocução e a língua é abordada em seu *funcionamento real*. Segundo Bakhtin, “o ato de fala e seu produto, a enunciação, não podem ser explicados somente a partir das condições do sujeito falante, mas também não podem dele prescindir” (Novaes-Pinto, 2007: 19).

A fim de mobilizar a noção bakhtiniana de *sujeito*, é necessário explicitar algumas das outras que estão relacionadas a ela e como se interligam⁸. Novaes-Pinto (1999) chama a atenção para a noção de *dialogia* como fundamental quando tratamos de qualquer conceito bakhtiniano. De acordo com estudos realizados pelo GEGE (2009),

⁷ À exceção do trabalho de Guindaste (1996), que toma as bases gerativistas para estudar o caso do sujeito P, portanto, este trabalho especificamente não compartilha das mesmas concepções de linguagem e de sujeito que respaldam todos os outros.

⁸ Como os conceitos bakhtinianos são muito abertos e se interconectam, não é possível defini-los sem mobilizar muitos outros e, assim, entrariamos num *loop* infinito. O GEGe – Grupo de Estudos em Gêneros do Discurso –, que vem se dedicando aos estudos da obra de Bakhtin e a mobilização de seus conceitos para diversos estudos, lançou, em 2009, *Palavras e contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. O livro traz verbetes que introduzem os conceitos sem, entretanto, pretender esgotá-los (por isso chama-se *glossariando*, ao invés de *glossário*).

“dialogia é atividade do diálogo e atividade dinâmica entre Eu e Outro em um território preciso socialmente organizado em interação lingüística”, ou seja, essa noção liga *identidade e alteridade*.

Segundo Bakhtin, o sujeito se constitui na interação com o outro – na *dialogia* – e, frente a esse outro, deve agir de forma *responsável* (Bakhtin, 2010). O Outro tem papel essencial na teoria bakhtiniana, pois é em relação à *alteridade* que se constitui a *identidade*. Segundo Bakhtin (2003), “é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições”, pois as *identidades* são constituídas de *contra-palavras*, que são discursos outros/de outros.

É importante, no entanto, destacar que não é porque as *identidades* são constituídas na relação com o Outro e a partir dos enunciados dos Outros que o sujeito se exime de *responsabilidade*. Bakhtin (2010) afirma que não há *álibi* para a existência, para o aqui e agora. À medida que nos aprofundamos nos estudos das obras de e sobre Bakhtin, não há como escaparmos de adotar posições ético-filosóficas em relação ao objeto de estudo⁹.

Novaes-Pinto mobiliza a noção de *excedente de visão* para defender que devemos nos posicionar *eticamente* frente aos sujeitos:

Nosso *excedente de visão* de lingüistas ou terapeutas (ou talvez seja mais adequado assumir que isso seja consequência da visão *neurolingüística* que temos), guiado por princípios éticos, permite que possamos ao mesmo tempo avançar no conhecimento dos fenômenos, que é um dos objetivos da nossa pesquisa, e ao mesmo tempo nos constituirmos como verdadeiros interlocutores dos sujeitos afásicos.

1.3.2. Cérebro como Sistema Funcional Complexo

A concepção tradicional de cérebro, privilegiada pela ciência positivista, é constituída por modelos baseados em cálculos estatísticos que postulam um *cérebro médio*, que não corresponde ao cérebro de um sujeito real. Autores que se contrapõem a essa visão e que se tornaram fundamentais nas pesquisas em neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva são Mecacci e Luria.

⁹ Os conflitos entre as áreas vão muito além de diferenças científicas, sendo também conflitos éticos e políticos. Esta discussão, embora interessante e necessária, não cabe no espaço da dissertação.

Mecacci (1984) apresenta uma crítica contundente à noção tradicional de *cérebro* e que se relaciona à discussão sobre normalidade e patologia apresentada em 1.2.2:

Há um “outro” cérebro que a ciência não estuda, ou só considera marginalmente. É, em primeiro lugar, o cérebro de cada indivíduo, cada um diferente do outro; e, depois, o cérebro de indivíduos pertencentes a culturas diferentes. [...] A variedade do cérebro dos homens é a fonte do predomínio dessa espécie de animais sobre as outras espécies e a origem das relações sociais e da cultura. A variedade do cérebro humano, porém, é ignorada. Estuda-se um cérebro “normal” que, na realidade, não existe.

As pesquisas consultadas, justamente por se interessarem por sujeitos reais, não ideais – ou médios – filiam-se a uma concepção sócio-histórico-cultural também com relação à concepção de cérebro, tal como defendida por Luria (1976), que propõe que as funções mentais

[...] não estão “localizadas” em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em conjunto, cada uma das quais concorre com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional.

As funções superiores não podem, portanto, ser vistas como faculdades isoladas no cérebro, às quais se relacionariam certos grupos bem definidos de células, mas como um Sistema Funcional Complexo (SFC)¹⁰. Segundo essa noção, o cérebro é um sistema dinâmico e flexível, capaz de se reorganizar em casos de lesão cerebral. As suas partes são solidárias e, dessa forma, áreas não tão específicas para uma determinada função passam a colaborar para compensar o trabalho daquela que foi comprometida, princípio da chamada *plasticidade cerebral*.

Se consideramos, portanto, que o cérebro é um SFC, não podemos adotar um modelo que relaciona direta e univocamente determinadas lesões a dificuldades específicas apresentadas pelos sujeitos, conforme a afasiologia tradicional tem feito.

É fundamental ressaltar, conforme afirma Sacks (1997) em entrevista ao programa Roda Viva, que:

Dentro de certos limites, a experiência constantemente molda o cérebro e, assim, o cérebro também é um reflexo de experiências, pois as pré-determina. Como resultado, nossos cérebros se tornam pessoais. Pode-se fazer um transplante de coração, de fígado e haver problemas de rejeição, de identidade imunológica entre o coração e o fígado, mas não há identidade pessoal. Por outro lado, não creio que possa haver um transplante de cérebro, porque o cérebro é seu. O cérebro é você. (Sacks, 1997, entrevista)

¹⁰ Damasio (1997) retoma essa idéia: “*processing language is not dependent on Wernicke and Broca areas only, but rather on the job of many sites linked as systems and working in concert*”.

Dessa forma, não é possível sustentar modelos que homogeneizem os sujeitos, tornando-os *ideais*, portadores de *cérebros médios*. Dentre as pesquisas consultadas, aquela que mostra de maneira mais contundente as influências epigenéticas – de natureza sócio-cultural, é a de Canoas-Andrade (2009), que realizou um estudo de caso do sujeito AJ, que apresenta uma *afasia fluente progressiva*. A pesquisadora somente teve acesso às neuroimagens e aos laudos de exames neurológicos após um ano de desenvolvimento do estudo de caso (Canoas-Andrade, 2009: 7):

Ao tomarmos contato com as imagens e com os laudos dos exames radiológicos, fomos surpreendidas, em primeiro lugar, pela singularidade do caso, que põe em xeque a correlação entre *afasia do tipo fluente e lesão posterior*. As tomografias revelam lesão mais extensa em região anterior, incluindo a região de Broca. Mais surpreendente ainda é o fato de, apesar dos impactos de AVCs hemorrágicos e isquêmicos, cirurgias de clipagem de aneurismas e atrofia corticais e sub-corticais, AJ continua se constituindo como sujeito social e da linguagem.

A autora defende que os elementos ainda preservados na linguagem de AJ se devem ao fato de ele estar inserido em práticas discursivas – frequentando as sessões do CCA e pelo apoio familiar (Canoas-Andrade, 2009: 136):

Tendo em vista o caso de AJ, não é possível contestar os efeitos das interações sociais e afetivas com a família, no grupo do CCA e por meio das intervenções fonoaudiológicas, na plasticidade do sistema nervoso, ou seja, nos processos de arranjos e rearranjos neurais, o que também pode nos ajudar a compreender porque mesmo apresentando tantos comprometimentos cerebrais bilaterais decorrentes de AVCs isquêmicos e hemorrágicos, clipagens de aneurisma e a própria atrofia resultante do envelhecimento, AJ resista como sujeito. Podemos concluir que se AJ não tivesse a família que tem e se estivesse sendo acompanhado nos modelos tradicionais, provavelmente apresentaria um quadro completamente diverso.

1.3.3. Concepção de *Linguagem*

Desde Coudry (1986), os trabalhos desenvolvidos na Neurolingüística enunciativo-discursiva têm concordado que o estudo das afasias e de outras alterações de linguagem não cabe nos preceitos teórico-metodológicos formulados pelo estruturalismo e pelo gerativismo. A esse respeito, a autora (Coudry, 2001: 29), afirma que

esses modelos teóricos, pelos propósitos particulares que os animam, tiveram que conceber-se mediante recortes epistemológicos que reduzem a complexidade da linguagem e a multiplicidade de seus fenômenos. Não podem, pois, ser aplicados diretamente a um domínio como o da neurolingüística, muito menos fornecer instrumentos para uma atuação na prática de avaliação e acompanhamento de sujeitos afásicos.

A concepção de linguagem que norteia os estudos em Neurolinguística de abordagem enunciativo-discursiva é explicitada por Franchi (1977: 33):

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua função criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado, mas um trabalho que “dá forma” ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do “vivido” que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias.

Destaca-se, assim, a concepção de linguagem como uma atividade constitutiva do sujeito e do próprio sistema da língua. Segundo Coudry (1986/1988): “não se pode escamotear o sujeito, fonte de origem dos dados, com quem vou constituir o modo de avaliá-lo e acompanhá-lo, em sua peculiaridade e especificidade” (2001: 195). Com relação aos efeitos desta concepção no acompanhamento fonoaudiológico, no trabalho com a linguagem, Fedosse (2008:22) afirma que:

são raros os profissionais que assumem a linguagem como atividade constitutiva que sustenta e que é sustentada na interação social, a maioria deles concebe a linguagem como código de comunicação; o sujeito lesionado cerebral é visto como aquele que tem dificuldades ou que não consegue mais falar ou escrever segundo as regras gramaticais da língua.

A autora realizou o estudo de caso do sujeito SL, um poeta afásico que escrevia antes e depois do episódio neurológico. É um caso exemplar dessa noção de linguagem como *trabalho*. Retomaremos este mesmo estudo nas considerações finais, quando tratarmos das reflexões feitas por Jakobson, mobilizadas por Coudry (2001) e Fedosse (2008).

Segunda Parte

Contribuições de uma abordagem enunciativo-discursiva para a semiologia das afasias

[...] não se deveria esperar que a nomeação de doenças pudesse ser tratada de maneira definitiva; a classificação tinha de evoluir com o tempo, de acordo com as necessidades (Porter, 1993: 384-385).

Segunda Parte

Contribuições de uma abordagem enunciativo-discursiva para a semiologia das afasias

2.1 Introdução

Nesta segunda parte, analisaremos alguns dos trabalhos realizados nos últimos 25 anos em pesquisas de mestrado, doutorado, artigos e capítulos de livros produzidos por pesquisadores que adotam a abordagem enunciativo-discursiva fundada¹ no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP), a partir dos primeiros estudos de Coudry (1986/1988). Nossa pesquisa foi realizada primeiramente por meio da busca por palavras-chave no banco de teses e dissertações da universidade². As palavras-chave utilizadas foram os itens semiológicos selecionados para a pesquisa. Em seguida foram filtrados, dentre os resultados obtidos pela busca, aqueles orientados por docentes do IEL.

Em 2010 – ou seja, no segundo ano de realização desta pesquisa –, foi lançado o livro *A Semiologia das Afasias: perspectivas lingüísticas*, organizado por Morato, que reúne textos sobre alguns dos itens semiológicos que já havíamos selecionado – *circunlóquio, estereotipia, parafasia e perseveração*. Trata-se de uma publicação mais recente do que as pesquisas de mestrado e doutorado que as originaram (algumas das quais já faziam parte de nosso *corpus*) e, por esta razão, incluímos alguns de seus capítulos no *corpus*.

Salientamos que esta dissertação não pretende esgotar o tema e nem dar conta de todos os aspectos tratados em cada pesquisa, mas apontar como elas vêm contribuindo para a ressignificação e renovação da terminologia, com respeito aos sinais observados nas afasias. A maioria dos trabalhos de que trataremos são estudos de casos. É fundamental, portanto, refletir sobre como essa metodologia vem se mostrando adequada para a compreensão dos fenômenos linguístico-cognitivos envolvidos nos estudos afasiológicos.

¹ Utilizamos aqui o termo “fundada” no sentido anunciado na primeira parte, como um discurso fundador.

² Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>

2.2 Os estudos de casos e análises qualitativas de processos

Os estudos de casos realizados nas pesquisas em Neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva caracterizam-se pelo acompanhamento longitudinal de um sujeito e pela análise de dados que emergem em situações dialógicas. Dependendo dos objetivos específicos da pesquisa, alguns autores optam pela elaboração de *protocolos não-fechados ou roteiros de avaliação*. Cabe esclarecer que quando nos referimos a esses *protocolos ou roteiros*, não se trata de baterias ou procedimentos validados e aplicados como instrumento de avaliação – como apontado na primeira parte, mas de atividades metalingüísticas que têm por objetivo checar hipóteses sobre as dificuldades observadas nas análises dos enunciados dos sujeitos. Também é importante ressaltar que não existe um único protocolo aplicado indiferenciadamente a todos os sujeitos, embora possam servir para avaliar questões presentes em vários tipos de afasias.

Em alguns trabalhos, os autores também optam pela comparação dos dados obtidos por meio de testes-padrão com aqueles que emergem das situações dialógicas (mais adiante, apresentaremos as particularidades dos estudos que compõem nosso *corpus*) Neste momento, trataremos das características mais gerais dos estudos de casos e explicitaremos por que essa metodologia, aliada às análises qualitativas, tem se mostrado adequada para o estudo das afasias³.

Miceli (2001) enfatiza a relevância dos estudos de casos para o conhecimento que se tem hoje sobre o funcionamento cerebral e sobre as funções superiores:

Much of the theoretical progress in the neurology and neuropsychology of aphasia results from the detailed study of individual aphasic subjects. Single-case studies have proved to be a powerful heuristic tool in cognitive neurology/neuropsychology, and with time they have provided an impressive body of evidence, demonstrating the complex architecture of the linguistic system.

Castro, em 1996, organizou o livro *O que é dado em Lingüística*, no qual, como sugere o título, diversos autores tratam da questão do que é o *dado* em suas respectivas áreas de pesquisa. Até hoje tais textos são referência para nossa área. Destacamos aqui dois deles, que consideramos mais relevantes para a Neurolingüística com relação à própria noção de dado, mas principalmente pela reflexão que apresentam sobre o estudo de caso e sobre as análises qualitativas que priorizam processos e não os produtos.

³ Outras pesquisas que envolvem fenômenos lingüísticos em outras patologias também têm mostrado que tal metodologia se mostra adequada. Um exemplo recente é o trabalho de Bordin (2010) previamente citado.

Apresentamos, primeiramente, o trabalho de Perroni (1996), que trata da noção de *dado* nos estudos em Aquisição de Linguagem, uma área híbrida, tal qual a Neurolingüística. Em ambas, verifica-se a presença de um conflito quanto à forma de construção e validação de teorias, com a necessidade de refletir sobre a adequação da metodologia e a natureza do recorte. Ao contrário dos modelos biomédicos, segundo os quais o conhecimento se daria de forma objetiva, (Perroni, 1996: 17) afirma:

Como já apontado por Benett-Kastor (1988), nas duas etapas em que a metodologia se desdobra, a da coleta (trabalho de campo) e a da interpretação ou análise, dois sistemas de filtros agem como processos seletivos: o primeiro atua sobre as próprias decisões do investigador sobre a seleção dos sujeitos e forma de obtenção do comportamento pretendido, o segundo, mais fino ainda, atua sobre a interpretação que dele faz o pesquisador.

A autora elenca ainda as vantagens e os limites dos estudos de caso no campo da Aquisição da Linguagem. A nosso ver, é possível estender suas considerações para a Neurolingüística. As vantagens seriam: (i) a possibilidade de análise dos *processos* em lugar dos *produtos estáticos*; (ii) o leitor pode recuperar a história do dado⁴, uma vez que as condições de produção são explicitadas quando da apresentação dos mesmos; (iii) a observação da língua em atividade, como um processo dinâmico; e (iv) a observação do que acontece – não do que uma dada teoria espera que aconteça ou aquilo que falta. Os limites seriam: (i) a falta de controle sobre as diversas variáveis; (ii) os freqüentes – e necessários – questionamentos sobre qual é a interpretação mais adequada para um fenômeno; (iii) as dúvidas na seleção dos dados, ou seja, quais incluir na pesquisa ou não; (iv) o tempo despendido para a realização das atividades, como transcrição e análise dos dados. Segundo a autora, este último item seria o que mais afastaria os pesquisadores das análises qualitativas e de estudos de casos, pois pesquisas quantitativas rendem resultados muito mais rápidos e mais prestigiados. Acrescentamos que esse tempo maior que se leva para desenvolver um estudo de caso torna a pesquisa mais lenta e menos generalizável, o que é uma das exigências da ciência positivista.

⁴ Tal vantagem pode ser vista como uma forma de *repetibilidade*, uma vez que outro pesquisador pode observar os dados – sobretudo aqueles videogravados – e conferir as conclusões às quais chegaram aquele que primeiro conduziu a pesquisa. Uma vez que os trabalhos tornem suas metodologias explícitas, é possível a *reproduzibilidade*, ou seja, que o mesmo protocolo não-fechado de pesquisa seja adotado para outros sujeitos. Esses dois fatores são fundamentais para a validação da pesquisa dita científica. Embora critiquemos alguns pontos defendidos pela Neurolingüística e pelas Neurociências tradicionais, acreditamos que *repetibilidade* e *reproduzibilidade* podem ser fatores importantes para a validação do aparato teórico-metodológico que adotamos também nas pesquisas qualitativas. Entretanto, esses próprios termos precisam ser ressignificados.

Antes de apresentarmos as considerações de Coudry sobre *o que é dado em Neurolinguística* e sobre a relevância dos estudos de casos, é interessante trazer para a discussão alguns pontos que outros autores destacam acerca dessas questões, por reforçarem os argumentos de Perroni (1996).

Segundo Ludke e André (1986), estudos longitudinais de casos possuem características que apontam:

[...] para um estudo que se preocupa com a constante reformulação dos seus pressupostos, uma vez que o conhecimento nunca está pronto. Vemos também que a compreensão de determinado objeto será auxiliada, levando-se em conta o contexto em que acontece. Os fatores externos também podem ajudar na apreensão e interpretação da problemática estudada.

A partir dos autores citados acima, fica evidente que, nessa área híbrida que é a Neurolinguística, é fundamental a abordagem qualitativa dos fenômenos linguísticos, como Coudry vem apontando desde o início da década de 80. Por entender a impossibilidade de tratar fenômenos humanos fora das análises qualitativas, Minayo (2000: 13) questiona a própria dicotomização entre qualitativo e quantitativo:

O próprio termo “Metodologias Qualitativas” consagra uma imprecisão, uma dificuldade histórica das teorias de se posicionar frente à especificidade do social. Ele supõe uma afirmação da qualidade contra a quantidade, refletindo uma luta teórica entre o positivismo e as correntes compreensivistas em relação à apreensão dos significados. Se entendermos a interdependência e a inseparabilidade entre os aspectos quantificáveis e a vivência significativa da realidade objetiva no cotidiano, veremos a referida denominação como redundante e mesmo parcial.

De acordo com a autora, portanto, nenhum dos aspectos – quantitativos ou qualitativos – deve ser ignorado na pesquisa. Tal postura se aproxima de Vygotsky (1984), que defende a complementariedade das duas abordagens, de forma que haja uma adaptação ao recorte realizado.

Partindo do princípio de que os dados das pesquisas em Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva devem emergir de situações dialógicas, Coudry, (1996) propõe a noção de *dado-achado*⁵, que é

Produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos linguístico-cognitivos. [...] Consideramos a neurolinguística um domínio de atuação sobre dificuldades linguístico-cognitivas, em que é impossível não ancorar a prática clínica em princípios teóricos.

Questões relativas ao método tem nos interessado de forma particular atualmente e são o tema da pesquisa de Doutorado que será desenvolvida nos próximos anos.

⁵ Por ser *achado* é que dizemos que os dados *emergem* das situações dialógicas, ao invés de dizer, por exemplo, que eles foram *obtidos*.

Consideramos que algumas de nossas reflexões já mereçam ser apresentadas nesta dissertação porque, em primeiro lugar, já orientaram o tipo de leitura feita dos trabalhos que são objeto de análise e, em segundo lugar, por darem visibilidade aos nossos métodos de investigação à comunidade científica. Destacamos, a seguir, alguns dos autores que têm orientado nossa reflexão.

Cytowic (2002) indica duas estratégias clássicas para tratar um problema em qualquer área do conhecimento. A abordagem dos fenômenos seria uma opção por análises *top-down* ou *bottom-up*. A primeira diz respeito a abordar um problema do mais complexo ou geral para depois abordar as unidades menores, sendo o segundo tipo (*bottom-up*) caracterizado pelo sentido oposto na direção das análises – primeiramente pelo estudo de pequenas unidades para só depois juntá-las na tentativa de compreender o fenômeno mais geral. Segundo o autor, as duas abordagens são complementares e se um profissional sabe lidar apenas com uma delas terá problemas quando chegar aos limites da estratégia adotada. Ao tratar de estudos formais que, para fins didáticos, “quebram o problema em diversas partes” – conforme o método proposto por Descartes – afirma: “While this approach does yield results, these kinds of compromises can also distort the very issue we are trying to understand” (Cytowic, 1996: 25).

Assim, o autor defende que, embora o acesso a certos aspectos do conhecimento possa ser mais fácil quando dividimos o *todo* em várias *partes*, há o risco de distorcer os fatos observados. Sobral (2005b: 115) apresenta posicionamento semelhante:

[...] vem em primeiro lugar a necessidade de, na pesquisa, levar em conta que o empreendimento teórico que esquece as especificidades do objeto, sua singularidade, sua inserção particular é teoreticista, absolutista. Um trabalho que propõe encerrar o objeto na camisa-de-força da teoria, ou das limitações do pesquisador, ao mesmo tempo em que o empreendimento que se perde da especificidade, não incidindo seus esforços sobre o que o fenômeno estudado tem de comum com outros fenômenos, não é propriamente pesquisa, mas prática relativista que só vê no espelho do outro aquilo que ele mesmo lá inseriu.

Por isso, optamos por uma abordagem que privilegie a linguagem em uso às situações artificiais criadas nos testes, pois dessa maneira torna-se possível estudar fenômenos particulares sem perder de vista o todo que nos interessa: a linguagem em seu *funcionamento*, considerando sempre a relação entre os aspectos generalizáveis e os aspectos particulares do fenômeno.

Um dos avanços das pesquisas desenvolvidas na Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva com relação aos aspectos metodológicos é a retomada da noção

de *paradigma indiciário* proposto por Ginzburg (1989) e o método das *análises microgenéticas* (Vygotsky, 1984), retomado por Góes (2000). Nas palavras da autora:

[...] trata-se de uma forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos, sendo o exame orientado para o funcionamento dos sujeitos focais, as relações intersubjetivas e as condições sociais da situação, resultando num relato minucioso dos acontecimentos.

A autora afirma, ainda, que uma vantagem clara dessa análise é que permite “adensar o estudo dos processos intersubjetivos e expand[ir] as possibilidades de vincular minúcias e indícios de episódios específicos a condições macrosociais, relativas às práticas sociais” (Góes, 2000: 9).

É importante observar que o termo foi cunhado não a partir de denominações prestigiadas pela área médica – o que o uso de *genética* poderia sugerir –, mas pela razão descrita pela autora:

Em resumo, essa análise não é *micro* porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais.

A análise microgenética propicia a compreensão sobre como se deu o impacto das patologias tanto sobre o sistema da língua – nas trocas de palavras, de fonemas, na desorganização sintática – quanto com relação aos aspectos pragmáticos e discursivos – circunlóquios, repetições, hesitações – que dão visibilidade às atividades epi- e metalingüísticas em funcionamento durante a produção dos enunciados.

Caplan (1993) indica que um caminho promissor é reunir diversos estudos de casos e, a partir de suas conclusões, buscar processos comuns subjacentes aos fenômenos – uma opção que foge tanto do reducionismo do método positivista quanto dos riscos de generalizações fundadas apenas nos dados relativos a um indivíduo.

Acreditamos que esta dissertação possa contribuir nesse sentido, lançando um olhar para o conjunto de trabalhos produzidos, embora necessariamente *recortando* a análise em torno dos itens semiológicos.

2.3 Considerações iniciais acerca das opções terminológicas

Antes de passarmos aos sub-itens que apresentam cada elemento da semiologia das afasias, faremos algumas considerações de ordem mais geral. Os trabalhos

realizados na área, desde Coudry (1986), a fim de serem coerentes quanto aos pressupostos teóricos que orientam a Neurolinguística enunciativo-discursiva, têm se ocupado em marcar uma posição ético-filosófica que confronta as abordagens biologizantes dos fenômenos afasiológicos e que apagam o sujeito, ao passo que ressaltam a doença. Elencamos, a seguir, alguns desses termos que são recorrentemente substituídos⁶ nos trabalhos pesquisados:

- (i) *paciente* por *sujeito*, uma vez que tanto as teorias linguísticas quanto as teorias neuropsicológicas que orientam nossas pesquisas são sócio-histórico-culturais e privilegiam um indivíduo que trabalha ativamente na constituição do sistema da língua (Bakhtin, 2006; Franchi, 1977) e de um indivíduo que busca um estado de equilíbrio entre saúde e doença (Canguilhem, 1995; Sacks, 1997);
- (ii) *déficit/distúrbio* por *dificuldade/alteração*, por entendermos que a produção dos sujeitos já se constitui como uma possibilidade de reorganização. Os enunciados assim, não são entendidos como reflexo direto daquilo que porventura esteja alterado, mas como uma possibilidade alternativa que revela o trabalho dos sujeitos sobre o que está preservado.

É fundamental, também, que revisitemos o conceito de *grau de severidade*, subjacente às descrições e classificações de todas as formas de afasia. Novaes-Pinto (2006) apresenta uma reinterpretação do conceito, que tradicionalmente é tomado como sendo objetivo (também obtido a partir de escores em baterias neuropsicológicas). Dessa forma, o item semiológico que nomeia uma categoria vem, freqüentemente, acompanhado da adjetivação “severa”, “moderada” ou “leve”. Segundo a autora, é necessário que se inclua na discussão sobre este conceito o que o próprio sujeito diz de suas dificuldades. Rotular uma afasia como *leve*, do ponto de vista da *fluência* do sujeito, por exemplo, é reduzir a complexidade da linguagem, desconsiderar as diferenças com relação ao domínio, pelo sujeito, dos vários gêneros discursivos. Este conceito precisa ser reavaliado com relação ao *querer-dizer* do afásico e sobre o que

⁶ Não significa que esses termos (*paciente*, *distúrbio*, *déficit*) desapareçam no contexto de nossas pesquisas. Às vezes são utilizados com conotações próprias, como por exemplo: relação *terapeuta-paciente*, dentre outros.

Bakhtin (2007) considera como o *tratamento exaustivo do tema*. A seguir, passamos a apresentar as pesquisas que compõem o *corpus*.

2.4 Contribuições de uma abordagem enunciativo-discursiva para o estudo das afasias

A tabela a seguir lista pesquisas de orientação enunciativo-discursiva desenvolvidas nos últimos 25 anos e que discutem itens correntemente utilizados na semiologia das afasias. Em algumas dessas pesquisas, a semiologia não é o tema central. Mantivemos as transcrições tais como os autores as realizaram em suas pesquisas, a fim de trazer ao leitor a variabilidade de marcas de acordo com o que cada pesquisador privilegia, como coleta, transcrição e análise dos dados que aqui são citados.

Os itens serão apresentados nesta dissertação na ordem em que aparecem na tabela. Aqueles que são fortemente relacionados entre si – como agramatismo e fala telegráfica – serão tratados no mesmo subitem. A divisão proposta na tabela é puramente didática e visa agrupar fenômenos diferentes sob as mesmas categorias, mas, ao contrário, apenas agrupar aqueles que apresentam maior co-ocorrência nos textos científicos. Buscamos, ainda, explicitar as diferenças mais sutis entre termos que, por vezes, aparecem equivocadamente como sinônimos na literatura.

	Item semiológico	Título da pesquisa	Autor/a	Ano da publicação ⁷	Tipo de estudo
1	Agramatismo	O diário de Narciso: discurso e afasia	Maria Irma Hardler Coudry	1986 ⁸	Tese/Livro; análises qualitativas; dados obtidos em situações dialógicas.
	Agramatismo	Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da	Rosana do Carmo Novaes Pinto	1992 ⁹	Dissertação; análises qualitativas; dados obtidos em situações

⁷ A fim de facilitar a consulta, as referências completas às pesquisas estão em notas de rodapé, ao lado dos respectivos anos de publicação.

⁸ COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001[1986/1988].

⁹ NOVAES-PINTO, R. C. *Agramatismo: Uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1992.

		linguagem			dialógicas.
	Agramatismo	O agramatismo: um estudo de caso em português	Reny Maria Gregolin Guindaste	1996 ¹⁰	Tese; estudo longitudinal de bases gerativistas.
	Agramatismo	A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas	Rosana do Carmo Novaes Pinto	1999 ¹¹	Tese; análises qualitativas; dados obtidos em situações dialógicas.
	Agramatismo	Agramatismo e processamento normal da linguagem	Rosana do Carmo Novaes Pinto	1997 ¹²	Artigo; análises qualitativas; dados obtidos em situações dialógicas.
	Fala telegráfica	Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou “Eu e você? Diferente.”	Lou-Ann Kleppa	2008 ¹³	Tese; análises quantitativas e qualitativas; experimentos e dados obtidos em situações dialógicas.
2	Anomia	A anomia no campo da afasiologia	Franco Rajer	2010 ¹⁴	Capítulo de livro; estudo teórico.. ¹⁵
3	Automatismo/ Estereotipia	<i>O estatuto Neurolingüístico do automatismo</i>	Janaísa Viscardi	2005 ¹⁶	Dissertação de mestrado; análises qualitativas;

¹⁰ GUINDASTE, R. M. G. O agramatismo: um estudo de caso em português. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1996.

¹¹ NOVAES-PINTO, R. C. *Uma contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1999.

¹² NOVAES-PINTO, R. C. “Agramatismo e processamento normal da linguagem”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 1997.

¹³ KLEPPA, L. Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou “Eu e você? Diferente”. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2008.

¹⁴ RAJER, F. “A anomia no campo da Afasiologia”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.

¹⁵ A versão final da referida tese não estava disponível *online* até a data de fechamento deste texto.

¹⁶ VISCARDI, J.M. *O estatuto Neurolingüístico do automatismo*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

				dados obtidos em situações dialógicas.	
	Automatismo/ Estereotipia	<i>Eu preciso falá:</i> automático e voluntário na semiologia do automatismo	Janaísa Viscardi	2010 ¹⁷	Capítulo de livro relacionado à pesquisa de mestrado da autora, concluída em 2005.
4	Circunlóquio	Questões neuropsicológicas e Neurolingüísticas De uma afasia fluente/ progressiva: Inferências a partir de um estudo de caso para a clínica Fonoaudiológica	Rosângela Canoas- Andrade	2009 ¹⁸	Dissertação; análises qualitativas; dados obtidos através de experimentos e situações dialógicas.
	Confabulação	Confabulação: quando faltar à verdade não equivale a mentir	Edwiges Morato	2010 ¹⁹	Capítulo de livro; análise qualitativa; dados obtidos em situação dialógica.
	Confabulação	Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido	Edwiges Morato	1995 ²⁰	Tese; análise qualitativa; dados obtidos em situações dialógicas.
	Digressão	Questões neuropsicológicas e Neurolingüísticas	Rosângela Canoas- Andrade	2009 ²¹	Dissertação; estudo de caso; análises qualitativas;

¹⁷ VISCARDI, J.M. “*Eu preciso falá:* automático e voluntário na semiologia do automatismo”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.

¹⁸ CANOAS-ANDRADE, R. Questões neuropsicológicas e neurolingüísticas de uma afasia fluente/progressiva: Inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.

¹⁹ MORATO, E. M. “Confabulação: quando faltar à verdade não equivale a mentir”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.

²⁰ MORATO, E. M. *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1995.

²¹ CANOAS-ANDRADE, R. Questões neuropsicológicas e neurolingüísticas de uma afasia fluente/progressiva: Inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.

		De uma afasia fluente/ progressiva: Inferências a partir de um estudo de caso para a clínica Fonoaudiológica			dados obtidos através de experimentos e situações dialógicas.
5	Jargonafasia	Aspectos enunciativos da jargonafasia	Rosana do Carmo Novaes Pinto; Edwiges Morato	1998 ²²	Artigo; análise qualitativa; dados obtidos em situações dialógicas
	Jargonafasia	Análise do funcionamento da linguagem em um caso de jargonafasia : aspectos fonológicos e morfológicos	Cinthia Ishara	2004 ²³	Dissertação; análise qualitativa; dados obtidos em situações dialógicas.
6	Neologismos	A relação entre neologismo e jargonafasia: implicações neurolingüísticas	Edwiges Morato; Rosana do Carmo Novaes Pinto	1998 ²⁴	Artigo; análise qualitativa; dados obtidos em situações dialógicas
7	Parafasia	A caracterização das parafasias na perspectiva da neurolingüística discursiva	Iria Reisdorfer	2007 ²⁵	Dissertação; análise qualitativa; dados obtidos em baterias de testes e situações dialógicas – contrapondo as duas metodologias.
	Parafasia	A palavra paralela?	Carola	2003 ²⁶	Tese; estudo

²² MORATO, E. M.; NOVAES-PINTO, R. C. “Aspectos enunciativos da jargonafasia”. In: Anais do GEL. Campinas, 1998.

²³ ISHARA, C. *Análise do funcionamento da linguagem em um caso de jargonafasia : aspectos fonológicos e morfológicos*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2004.

²⁴ NOVAES-PINTO, R. C. ; MORATO, E. M. “A relação entre neologismo e jargonafasia: Implicações Neurolingüísticas”. In: *II Encontro lingüístico do CELSUL, 1997, Florianópolis - SC. Livro de Resumos do CELSUL*. Florianópolis, 1997.

²⁵ REISDORFER, I. M. S. *A caracterização das parafasias na perspectiva da neurolingüística discursiva*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007.

²⁶ RAPP, C. *A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2003.

		Uma revisão do conceito de parafasia	Rapp		teórico que resgata historicamente a construção do conceito.
	Parafasia	Parafasia: o quiproquó das palavras	Ana Lucia Tubero	2010 ²⁷	Capítulo de livro; análises qualitativas; dados obtidos em situações dialógicas.
	Perseveração	O estatuto neurolingüístico da perseveração na afasia	Sílvia Saraiva Pereira Lima	2004 ²⁸	Tese; análises de testes metalingüísticos e dados obtidos em situações dialógicas.
8	Perseveração	A questão da perseveração na afasia	Sílvia Saraiva Pereira Lima	2010 ²⁹	Capítulo de livro relacionado à pesquisa de doutorado realizada pela autora. O capítulo retoma a pesquisa, que traz análises de testes metalingüísticos e dados obtidos em situações dialógicas.
9	Síndrome Frontal Leve	Síndrome Frontal (leve) ou afasia semântico-pragmática: um estudo de caso	Monica Gandolfo	1994 ³⁰	Dissertação; estudo de caso; dados obtidos em situações dialógicas relacionadas a princípios protocolares desenvolvidos pela pesquisadora.

²⁷ TUBERO, A. L. “Parafasia: o quiproquó das palavras”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.

²⁸ LIMA, S. S. P. *O estatuto neurolingüístico da perseveração na afasia*. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, Campinas, 2004.

²⁹ LIMA, S. S. P. “A questão da perseveração na afasia”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.

³⁰ GANDOLFO, M. *Síndrome Frontal (leve) ou afasia semântico-pragmática: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1994.

2.4.1 Agramatismo/Fala Telegráfica

Dentre os estudos dos sinais observados na linguagem dos afásicos, o agramatismo é certamente o mais pesquisado. Tradicionalmente, o agramatismo é visto como um *sintoma* da afasia de Broca, portanto, característica de um quadro de lesão anterior, relacionado à produção não-fluente. Há autores que consideram o fenômeno como uma síndrome e outros o tomam como sinônimo da própria afasia de Broca (Novaes-Pinto, 1992).

Coudry (1986/1988) critica a metodologia utilizada para se chegar a um diagnóstico como o de agramatismo e em seu trabalho analisa o caso do sujeito P³¹, que posteriormente será estudado também por Novaes-Pinto (1992) e por Guindaste (1996). Novaes-Pinto (1992/1997/1999) discute criticamente as categorias clínicas e a noção forte de síndrome, conforme abordamos na primeira parte desta dissertação; Guindaste (1996) realiza um estudo longitudinal com o sujeito P³²; e Kleppa (2008) compara, com relação à produção de preposições, uma criança em fase de aquisição de linguagem e dois afásicos agramáticos, questionando em sua tese a própria noção de *fala telegráfica*³³.

A pesquisa de Coudry (1986/1988) é fundamental não somente pela importância histórica de fundação da abordagem que utilizamos, mas principalmente pelas análises de natureza lingüística e pelas práticas terapêuticas que a autora desenvolve. Muitas de suas contribuições foram anteriormente apresentadas no texto desta dissertação. Passaremos, em seguida, a uma súmula do trabalho desenvolvido com o sujeito P que foi se tornando o referencial metodológico para outros estudos de caso e que até hoje subsidiam o trabalho coletivo desenvolvido no CCA e os atendimentos individuais de sujeitos afásicos. Iniciamos com uma citação de Coudry (2001: 95):

³¹ P nasceu em 02/12/1935, brasileiro, funcionário público e solteiro. Em 1981 foi diagnosticado com aneurisma e submetido a cirurgia. Em 1982, sofreu um AVC por rotura de aneurisma arterial. O diagnóstico tomográfico revela área de infarto cerebral temporo-parieto-occipital. Foi acompanhado por Coudry por dois anos e quatro meses quando da escrita da tese. Mais informações podem ser encontradas em Coudry (1986/1988).

³² A tese de Guindaste (1996) possui bases gerativistas. Nesse sentido, toma direção bastante diferente das demais teses aqui elencadas. Não nos deteremos na análise deste trabalho. Entretanto, a autora também realiza um estudo longitudinal do sujeito P e defende tal metodologia para o estudo das afásias.

³³ Outra contribuição muito importante desta pesquisa, mas sobre a qual não nos deteremos, é o questionamento da *hipótese do espelho invertido*. Jakobson conjectura que o quadro afásico seria o espelho invertido da aquisição da linguagem e sugere que tal possibilidade deva ser mais profundamente averiguada. Kleppa (2008), no estudo de casos acima referido, acredita que tal correlação não ocorra quando o objeto lingüístico em questão são as preposições ligadas a verbos.

O processo caracterizou-se pelo esforço de criar variadas situações dialógicas com o objetivo principal de estabelecer condições para a emergência de diálogos e narrativas espontâneas, sem a artificialidade dos testes-padrão e dos procedimentos terapêuticos que visam somente a suprimir as faltas evidenciadas nesses testes (Coudry, 1986/1988: 95),

Coudry relata que sua constituição como interlocutora de P foi tarefa árdua, principalmente pelo fato de ele ter permanecido por quase dois anos em tratamento fonoaudiológico tradicional. Considerando-se a literatura tradicional sobre o tema do agramatismo, P poderia ser qualificado como um típico agramático, uma vez que apresentava os principais sinais desta síndrome: não produzia palavras funcionais (preposições, artigos, pronomes, conjunções), nem flexões verbais. Seus enunciados eram predominantemente constituídos por substantivos e não ultrapassavam os limites de uma sentença ou oração. O dado a seguir ilustra as dificuldades iniciais de P (Coudry, 1986/1988: 116):

19/07/1984: Foto de dois homens em um barco, remando.

INV: E aqui, o que eles estão fazendo?

P: Rios, rios.

INV: O que estes homens estão fazendo?

P: Mudar, mudar [...] Não é mudar, meu Deus!

Outro dado, de 1986 – dois anos, portanto, após o primeiro dado – indica tanto a instabilidade do quadro afásico de que tratamos anteriormente, quanto os efeitos do trabalho realizado em práticas efetivas de linguagem, priorizando o próprio *sujeito* (Coudry, 1986/1988: 148):

06/02/1986: A investigadora instruiu o sujeito a anotar em sua agenda quando chovesse.

INV: Não marcou os dias que choveu?

P: Não.

INV: Eu pedi para o senhor marcar os dias que choveu.

P: Ah, é?

INV: É.

P: Ontem foi.

INV: Foi o quê?

P: Ontem foi. (Intonação e acento marcados em “ontem”.)

INV: Quem foi?

P: Ontem foi. (Intonação e acento de novo bem marcados.)

INV: Foi o quê?

P: Choveu.

Coudry (1986/1988) critica, portanto, a visão do agramatismo como um quadro estável e imutável, além de defender que somente um acompanhamento longitudinal em que predominem as situações dialógicas – em oposição à artificialidade dos testes – possibilita promover uma sólida reconstrução da linguagem, tendo por base as dificuldades do sujeito e, portanto, colaborando para uma mudança em sua qualidade de vida. Vemos, portanto, que essa *categoria clínica* do agramatismo serviu para que Coudry estabelecesse os primeiros princípios teórico-metodológicos de uma Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva.

Novaes-Pinto (1992/1997/1999), a respeito das reflexões sobre categorias clínicas, em primeiro lugar critica a noção *forte* de síndrome que discutimos na primeira parte, uma vez que exige a co-ocorrência de vários sintomas e principalmente por desconsiderar as variações individuais. Em sua dissertação de mestrado, de 1992, a autora afirma que duas posições comuns frente ao problema são: (i) o abandono da busca por relações entre a categoria *agramatismo* e o que se considera *fala normal*; (ii) a adoção de um modelo de agramático-falante-ideal e, por conseguinte, de um falante-normal-ideal, ignorando as variações individuais e singulares. A autora, dialogando com as proposições de Caplan (1987)³⁴, afirma:

partir para a análise de casos individuais parece ser a mais adequada para o estudo do fenômeno do agramatismo. Discordo, entretanto, que deva ser abandonada a tentativa de se explicar o fenômeno de forma generalizada. Acredito que, a partir desta análise de casos realizada longitudinalmente, à luz de uma teoria da linguagem orientada discursivamente, poderemos, a longo prazo, explicar a maioria destas variações encontradas.

Ainda estamos distantes de explicar as variações individuais, mas cada trabalho realizado na área contribui no sentido de acrescentar mais reflexões para futuras generalizações.

³⁴ Caplan (1987) propõe que haveria três possibilidades para a pesquisa das afasias: (i) os estudos de casos; (ii) as análises quantitativas; (iii) a investigação das regularidades encontradas nos estudos de casos.

Em sua pesquisa de doutorado, Novaes-Pinto (1999) aprofunda o trabalho do mestrado, reforçando a crítica aos testes-padrão e à categorização dos fenômenos afásicos de forma estanque. A autora indica, em linhas gerais, quais são os problemas teórico-metodológicos dos trabalhos que não são capazes de dar conta de variações entre os casos ou daquelas observadas em um mesmo indivíduo em diferentes momentos:

- (i) Tomar *agramatismo* como sinônimo de *afasia de Broca*;
- (ii) Não considerar diferenças específicas entre fenômenos de naturezas diversas – mas com apresentações semelhantes – por exemplo, considerar a fala telegráfica como sinônimo de agramatismo;
- (iii) Aplicar testes-padrão mais ou menos da mesma forma para um elevado número de sujeitos e dar aos resultados um tratamento estatístico, uma vez que isso apaga justamente o que há de individual;
- (iv) Desconsiderar a relação do sujeito com sua própria afasia, o que dificulta ou impossibilita determinar o que é da afasia e o que é já uma estratégia de adaptação do sujeito à sua condição (cf. Novaes-Pinto, 1997).

Kleppa (2008) realiza o estudo dos casos de dois agramáticos (MS e OJ), comparando a produção de preposições nas afasias à produção de uma criança (R) em fase de aquisição de linguagem e traz para a discussão questões da Teoria da Adaptação³⁵, defendendo que muitas vezes o que chamamos de *fala telegráfica* é uma estratégia adotada pelo sujeito para manter seu turno dialógico e a atenção de seu interlocutor. Kolk entende que as preposições não estejam “perdidas” no agramatismo, mas que se trataria principalmente de dificuldades de seleção das palavras funcionais, pelo sujeito. Em princípio, seria possível que os agramáticos as produzissem, mas isso levaria um tempo muito longo e o sujeito, ao optar por produzi-las acabaria infringindo regras conversacionais. Esta teoria, entretanto, vem sendo questionada por estudiosos do agramatismo que acreditam que o fenômeno não deva ser considerado apenas como uma estratégia *adaptativa* dos sujeitos. Seria muito simplista afirmar, sobre essas dificuldades, que os sujeitos apenas optam por ser mais competentes pragmaticamente e

³⁵ Kolk & Van Grunsven, 1985; Kolk, Van Grunsven & Keyser, 1985; Kolk, Heling & Keyser, 1990; Kolk & Heeschen, 1990, 1992, 1996; Haarmann & Kolk, 1991a, b, 1994; Hofstede, 1992; Kolk & Hofstede, 1994; e Kolk, 1995, 2001a, b, 2006, 2007.

omitam os elementos funcionais para economizarem tempo na produção dos enunciados.

A autora buscava compreender a produção (ou ausência de produção) de preposições ligadas a verbos. Para tanto, elaborou uma série de jogos e experimentos lúdicos³⁶, além de observar dados que emergiram em situações dialógicas e aqueles obtidos por meio de um teste de julgamento de gramaticalidade. Seus resultados – que aliam análises qualitativas e quantitativas – indicam que, embora os sujeitos não produzam as preposições, eles não as *perderam*, uma vez que conseguem interpretá-las em enunciados metalingüísticos ou produzidos no contexto.

Especificamente na discussão semiológica, a contribuição da autora vem no sentido de questionar o termo corrente *fala telegráfica*. Novaes-Pinto (1999) já havia proposto o termo *fala de estilo telegráfico*, uma vez que marcaria ali a presença de um estilo, atenuando o apagamento do sujeito. Kleppa (2008), entretanto, entende que o termo *telegráfica* é, em si, problemático e já anacrônico. A autora realizou um experimento baseado em Tesak & Dittmann (1991, apud Kleppa, 2008: 37) em que falantes de língua portuguesa deveriam simular a escrita de um telegrama e constatou que havia mais contrastes do que semelhanças entre os dados obtidos por meio desse experimento e os dados de MS e OJ. Nas palavras da autora:

O resultado foi a comprovação de que a fala de sujeitos agramáticos não segue as mesmas regras sintáticas que as que encontramos nos telegramas (em que observamos basicamente a ordem canônica e o apagamento de palavras funcionais). Outras diferenças entre telegramas e fala agramática dizem respeito ao registro (os telegramas foram escritos, MS falou); planejamento (quem escreve um telegrama sabe o preço de cada palavra e assim calcula o que vai escrever, ao passo que não temos evidências de que o sujeito agramático calcula o uso que faz da fala reduzida); tempo de produção (os sujeitos do experimento receberam as situações por e-mail e tiveram tempo indeterminado para elaborar seus telegramas, enquanto o sujeito afásico estava envolvido num diálogo, correndo o risco de perder o turno se demorasse muito para falar)

Dessa forma, a autora defende a utilização do termo *fala reduzida*:

Como o falante agramático precisa de mais tempo que um falante não-afásico para encontrar e articular as palavras que quer produzir e tem consciência da pressão temporal a que está submetido numa situação interativa, ele produz uma fala sintaticamente simplificada. Esta fala

³⁶ É interessante observar que a autora inclui na pesquisa não somente os experimentos que atingiram seus objetivos, mas também aqueles que não surtiram os efeitos desejados. Dessa forma, ela colabora para a própria reflexão sobre a preparação de versões protocolares, experimentos e jogos.

simplificada é chamada de *fala telegráfica* ou *fala elíptica*, mas que preferimos chamar de *fala reduzida*.

A questão terminológica não é simples, mas gostaríamos de apontar que não usaremos mais o termo *fala telegráfica*, - apesar de ele ser corrente no âmbito da Teoria da Adaptação -, porque implicaria uma comparação intuitiva entre a fala de sujeitos agramáticos com a linguagem que aparece em telegramas.

Fala reduzida, portanto, se apresenta como uma alternativa à terminologia tradicional – fala telegráfica. Certamente, não se trata de abandonar os itens semiológicos tradicionais, uma vez que são *moedas linguísticas* no tratamento do tema.

2.4.2 Anomia

A *anomia* é tradicionalmente caracterizada como a incapacidade de nomear objetos ou de evocar palavras-alvo³⁷ adequadamente – ou seja, a partir de testes de nomeação. É interessante aqui retomar da primeira parte, a questão da patologização que os prefixos a- e dis- incutem na semiologia. *Anomia* significaria, portanto, a perda da capacidade de nomear.

Rajer (2010) se dedicou ao estudo da anomia, buscando compreendê-la em sua origem no campo da filosofia e depois discutindo-a no campo da afasiologia. Não foram encontrados estudos de casos na Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva que tratem desse item semiológico especificamente. Uma possível razão é que a anomia possa ser concebida como um sinal presente em várias afasias e, geralmente, ocorre em combinação com outros fenômenos afasiológicos, como as *parafasias*, os *circunlóquios* e os *neologismos*, estes sim freqüentemente estudados e relacionados, em geral, à *dificuldade de encontrar palavras*. Rajer (2010: 56) recorre à definição de Love (1996) para explicitar as características do fenômeno:

Love (1996) afirma que a anomia é comum a muitos tipos de afasia e também a condições médicas não afásicas incluindo encefalites, concussões, aumento de pressão intracraniana, doenças neurodegenerativas etc. Por esse motivo e, sobretudo, por ser descrita como um *déficit* não focal – isto é, por não possuir um correspondente neuroanatômico bem definido –, a anomia pode ser interpretada, no campo das Neurociências/Ciências Cognitivas, como um *déficit* geral de linguagem, ou seja, como uma síndrome.

Há autores, entretanto, que delimitam o que seria a *anomia* e a contrapõem ao *agramatismo*. Jakobson (1954) defende que a *anomia* seria um distúrbio na seleção, enquanto o *agramatismo* seria um distúrbio na combinação. Grodzinky (1984, apud

³⁷ A noção de palavra-alvo será problematizada no item 2.3.7, cujo tema são as parafasias.

Rajer, 2010) e Kean (1985, apud Rajer, 2010) defendem que o agramatismo seria um distúrbio de ordem fonológica (Rajer, 2010: 57).

Goodglass (1993, apud Rajer, 2010: 55) afirma que “os tipos de afasia são determinados por outros *deficits* associados à anomia”. Dessa forma, a *anomia* seria uma síndrome autônoma, com alguns sinais que coincidem com aqueles do *agramatismo*.

Dado o interesse de correlacionar fenômenos observados nas afasias a aspectos do funcionamento da linguagem não afásica, o autor questiona (Rajer, 2010: 59):

existiria de fato alguma habilidade lingüístico-cognitiva específica responsável pelo processamento de conjunções, preposições, artigos, pronomes, verbos auxiliares, cópulas, flexão verbal, concordância de pessoa, número e gênero que seja distinta daquela que utilizamos para evocar, acessar ou processar palavras? Existiria de fato distinção entre sintaxe e léxico? Derivando tal pergunta para o campo da afasiologia, poderíamos finalmente questionar a própria existência de uma distinção bem delimitada entre *agramatismo* e *anomia*.

2.4.3 Automatismo/Estereotipia

Na literatura tradicional, o automatismo é visto como um único elemento que passa a constituir a fala do afásico e é produzido mais ou menos da mesma maneira e sem alterações prosódicas nem articulatórias (Viscardi, 2010). A estereotipia, segundo Viscardi (2005), seria um tipo específico de automatismo:

Em português, a variação gira em torno dos termos *estereotipia* e *automatismo*. Se nos dirigimos ao dicionário em busca de uma definição destes dois termos, encontramos que o significado de *estereotipia* está relacionado tanto àquilo que é imutável, fixo, quanto àquilo que é feito de forma repetida, duplicada. Já o significado de *automatismo* está vinculado àquilo que é involuntário, definindo aquilo que se produz sem orientação consciente.

Se nos reportamos aos poucos estudos que tratam deste tema em português, reconheceremos o termo *estereotipia* sendo utilizado para se referir à produção dos sujeitos monofásicos, porém, estes estudos se concentram no tipo de automatismo conhecido como *recurring utterance* em inglês, isto é, ao automatismo que é constituído por não-palavras e que é produzido de forma repetida e, em geral, duplicada.

Dessa forma, a autora adota o termo *automatismo* como hiperônimo e utiliza *estereotipia* quando se trata especificamente de automatismos referentes a formas não-lexicalizadas – ou seja, quando o elemento produzido pelo sujeito não é uma palavra da língua por ele falada.

O caso mais conhecido foi descrito por Broca e o sujeito se chamava Leborgne, mais conhecido como *Tan Tan*. Broca relata que sua compreensão estava preservada e

ele era consciente dos limites impostos por sua afasia, pois, além do monossílabo *tan*, proferia palavras quando se irritava diante dessas limitações. Como é sabido, Broca buscou correlacionar o que seria a perda da “linguagem articulada” ao local da lesão, onde, portanto, estaria “localizada” essa faculdade nos sujeitos *normais*.

Jackson (1879, apud Viscardi, 2010) – que está mais próximo de uma concepção de cérebro em que as partes são solidárias e formam um todo mais complexo – propõe duas formas de linguagem: a intelectual e a emocional. Segundo o autor, o *automatismo* acometeria a capacidade de proposicionar, deixando preservada somente a segunda forma de linguagem. Viscardi (2010: 162) sintetiza a proposta do autor e a toma como mote para a crítica à dicotomização, como veremos adiante:

Das reflexões sugeridas por Jackson sobre a automaticidade da produção dos sujeitos afásicos, pode-se extrair outra dicotomia, até hoje marcante na discussão sobre o automatismo: a distinção entre os aspectos automático e voluntário da linguagem. Em sendo automática, a produção não seria revestida de sentido, porque resultaria de um processo involuntário, que não passaria pela intenção do sujeito.

Viscardi (2010:164) apresenta como o fenômeno vem sendo tratado recentemente nos estudos que adotam abordagens mais tradicionais:

Partindo do princípio de que a lesão praticamente destruiu a área referente à linguagem, é consenso entre os diferentes autores afirmar que mesmo os recursos prosódicos constantemente assinalados como presentes não promovem nenhuma alteração de sentido. A relativa fluência na produção desses automatismos seria resultado da automatização de sua ocorrência e atestaria ainda que o problema não é uma apraxia ou outro fenômeno de caráter mais propriamente motor.

Tal visão, entretanto, está baseada, mais uma vez, na aplicação de testes-padrão que, conforme discutimos, não são ferramentas eficazes para a observação de alterações decorrentes das afasias. A autora afirma, a partir de análises sociocognitivas de base interacional, que a prosódia possui papel fundamental na comunicação dos sujeitos acometidos pelo chamado *automatismo*.

Em sua dissertação de mestrado, Viscardi (2005) estuda o caso de CF³⁸:

CF tem sua produção bastante marcada pelo uso de um automatismo que não se constitui como palavra da língua portuguesa. Tendo em vista este quadro, ela investe nos recursos lingüísticos que lhe restam para produzir significação, além de investir também nos recursos chamados paralingüísticos, como a expressão fisionômica, a atitude corporal, a gestualidade, etc. Dentre os recursos lingüísticos utilizados, o que mais salta aos olhos – e aos ouvidos – é a prosódia, constantemente produzida com o intuito de auxiliar nos processos de construção do sentido, na estruturação do discurso, além de atestar sua participação na interação e processos afeitos a ela.

³⁸ CF, em 1985, com 29 anos, sofreu uma ruptura de aneurisma, foi submetida a cirurgia e, seis anos depois, foi diagnosticada com afasia de Broca de tipo eferente.

O dado abaixo (Viscardi, 2005: 95) ilustra tanto a importância da prosódia quando desses recursos paralingüísticos mencionados acima³⁹. Nele, CF e MI (investigadora) falam sobre uma notícia de jornal sobre o falecimento de uma pessoa⁴⁰:

Trecho 1-91

1. **MI**: ...do quê... do quê... do que que ele morreu CF?
2. CF: →é::// →é::// esaw e ↓ saw// e/ e/ e/ ((*mostra a língua e aponta para a própriaboca*))
3. **MI**: engasgô?
4. CF: e/ a/ o/ →ô// esaw e↑saw// →é::// ↑ ai][eu pre ↑ ciso// ↑ ai!
5. **MI**: péra... calma!
6. CF: ↓ é// e::→saw// ((*e faz "tossida"*)) esa::w esa::w
7. **MI**: tosse?
8. CF: ((*balança negativamente a cabeça*))
9. **MI**: infarto?
10. CF: →arto// ((*balança positivamente a cabeça*)) ↓ é
11. **MI**: infarto

No dado acima, é possível observar como gestos e fala se complementam – fenômeno característico também da fala não-afásica. A partir do acompanhamento longitudinal de CF e das análises de seus dados, Viscardi (2010) indica uma possibilidade de ressignificação do termo *automatismo*, uma vez que sua conceituação tradicional não equivale ao que os dados revelam:

Apesar de ser reforçado constantemente na literatura tradicional que o sujeito monofásico tem grandes dificuldades na produção espontânea e, portanto, voluntária das palavras, e que usa os segmentos que lhe restam de forma automática, não sendo capaz de recorrer a outros vocábulos para se expressar, o que o tornaria incapaz de significar, o sujeito monofásico [...] pode fazer uso de outros elementos lingüísticos que exercem grande importância na produção da significação.

Viscardi (2005; 2010) indica ainda que o acompanhamento terapêutico resultante da participação de CF nas atividades do CCA, além de incentivar a exploração de outras semioses, permitiu que ela ampliasse seu repertório e passasse a preencher outros ambientes de utilização, indicando mais uma vez que o quadro afásico não é estático e como a reflexão que o sujeito promove sobre suas próprias dificuldades são cruciais no processo de reconstrução da linguagem.

³⁹ Os gestos constituem uma outra semiose. Nas Considerações de passagem trataremos mais detidamente de outras formas de significação, a partir da noção de *tradução* de Jakobson mobilizada por Coudry (2001) e Fedosse (2008).

⁴⁰ Nesse dado, as setas indicam a entonação, as barras indicam pausas e dois pontos indicam prolongamento das vogais.

2.4.4 Circunlóquio/Confabulação/Digressão

Os fenômenos de que trataremos neste subitem são comumente tomados como *sintomas* de afasias de Wernicke/posteriores/sensoriais/de compreensão/fluentes. Embora sejam fenômenos classificados sob a mesma categoria clínica, *digressão*, *confabulação* e *circunlóquio* são fenômenos diferentes, como veremos a seguir.

Canoas-Andrade (2009) estuda o caso do sujeito AJ⁴¹ e, dentre outras contribuições, trata das noções de *circunlóquio* e *digressão*. Iniciaremos a apresentação desta pesquisa pela concepção de *circunlóquio* (Canoas-Andrade, 2009: 110):

Não raramente, o fenômeno do circunlóquio é associado à produção de perífrases, como na definição do dicionário King Host: “Maneira de falar na qual se exprime um pensamento de modo indireto e impreciso; perífrase, rodeio”. No mesmo dicionário, a definição de “perífrase” é: “emprego de muitas palavras para exprimir o que poderia ser dito concisamente”. Em outro dicionário, “circunlóquio” é definido como uma estratégia de substituição, para suprir a falta dos nomes por outras palavras, rodeando o assunto através do uso de um número exagerado de palavras que, na maioria das vezes, torna muito difícil a compreensão do que é dito” (Leal, G). O circunlóquio aparece principalmente em situações em que, tendo pouco domínio do assunto, o sujeito precisa de um tempo maior para elaborar seu enunciado. Trata-se de uma estratégia para driblar situações embaraçosas ou das quais o sujeito não tenha completo domínio.

O dado a seguir é exemplar de um circunlóquio produzido por AJ (Canoas-Andrade, 2009: 111; grifo nosso):

AJ: a:: Ponte Preta é: ...da gente... é::...praticamente uma:: uma visão bem ortodoxa daqui:...daquela:: da;; que temos hoje dentro da Ponte Preta. na verdade, é... existe...na ..gente... uma ...preocupação de querer fazer a Ponte Preta virá... as coisas..bem... (...) *eu trabalhei um pouco na Ponte Preta porque eu fui tesoureiro da Ponte Preta há um tempo... e .. tesoureiro da Ponte Preta e tinha...a gente... alguma atividade.. a:: gente tinha...eu fui primeiro tesoureiro dentro da Ponte Preta e tinha..que:: sabe... é::tinha uns cruzeiros, os cruzeiros...*

Segundo a autora, AJ produz poucas asserções e apresenta desorganização sintática, como se pode verificar na parte em itálico. Verifica-se que o sujeito constrói a narrativa à medida que se *lembra* dos fatos e quando é capaz de concluir aquilo que contava.

⁴¹ AJ é brasileiro, casado e participa do Grupo III do CCA. A singularidade de seu caso vem do fato de colocar em xeque a correlação entre lesões posteriores e afasias consideradas fluentes, uma vez que a análise dos laudos das neuroimagens mostra uma lesão mais extensa na porção anterior, incluindo a área de Broca e o sujeito apresenta uma afasia fluente. Além disso, a neuroimagem aponta AVCs hemorrágicos e isquêmicos, cirurgias de clipagem de aneurismas, atrofia corticais e sub-corticais. Entretanto, ao contrário do que um prognóstico médico indicaria, AJ não deixa de se constituir como sujeito social e da linguagem (cf. Canoas-Andrade, 2009)

A *digressão* e a *confabulação* constituem fenômenos semelhantes, no sentido de que geram rupturas no tópico discursivo. Entretanto, na *digressão* o sujeito abre diversas parentéticas e tende a não retomar o tópico inicial. A seguir reproduzimos outro dado de AJ representativo deste fenômeno⁴²:

AJ: nossa...o professor Zeferino era terrível... era terrível pra... ele fazia toda... vamos dizer.... todaa:::: em função da biologia que ele tava lá... ele trabalhava lá biólogo... ele era biólogo... era tudo esses negócio aí ... ele não trabalhava tudo na função... a função dele... tanto é ... que a biologia tá aí...aí mexendo... mexendo ...mas não sai ...não sai disso... fica /tem.... é um elefante branco a ... a:::: biologia é ba/ é branco ta:::: do:::: a:::: aquele negócio branco.... é tudo a biologia né? (EI)⁴³ o professor fundado lá né? E e:::: esse professor num/não não mexeu.. pra subir a:::: universidade.... tanto quer a universidade..hoje em dia.... ele tem só uma... uma... cantiga que seria bom de de vocês quem é bom de...de...alertar para o pessoal...por que quem mexeu com burro otas coisas... foram os outros... os outros institutos boca...a... copiaram (EI) ah... fulano fuLAno... só dava fulano lá... lá lá cês nunca tem... nunca tinha a:::: a moção de voc... tanto é que a a biologia hoje em dia ... a biologia... ela começa ...ela vai ...vai começa ver co... a:::: fase dotas coisa... da da muita... muita cobertura... para aquilo que não tem na universidade...aquilo que não tem na universidade vai ter agora... agora da agora em diante vocês vão mexer ... e vai trazer a:::: então vai trazer coisas... na universidade...então você vai ter... vai haver hoje... quem mexe com... quem mexe com o nariz ouvido papapa' ... só na mão na mão de de brasileiro ... só de brasileiro..... esses que ficam ã:::: não... a:::: professor Rada (EI) professor Rada...hoje você vai vai encontrar gente que::::professor Rada sem não me engana já morreu... não morreu não... mas o professor Rada era uma uma juventude que vinha da:::

Neste dado e em outros presentes na dissertação em questão, o sujeito não retoma o tópico inicial e segue abrindo enunciados parentéticos. A autora retoma Preti (1991: 39), que afirma que a aparência de discurso desorganizado requer do ouvinte “um ouvido atento” e “boa compreensão do contexto, uma vez que nem todos os tópicos são desenvolvidos”.

Morato (2005; 2010) indica dois sentidos de *confabulação*, um na *normalidade* e outro que os estudos neuropsicológicos caracterizam nas *patologias* (2010: 102):

Nas práticas linguísticas cotidianas, como nos informam os dicionários, o ato de confabular (em português) é reconhecido como sinônimo de cavaquear, de conversar familiarmente por passatempo, de trocar idéias. Confabular significaria, ao mesmo tempo, engajar-se em conversações cujos temas são, em geral, suspeitos, escusos, polêmicos, conspiradores. Confabulação, assim, não diria respeito exatamente ao conteúdo do que se profere (verdadeiro ou falso, real ou fictício), como na descrição neuropsicológica tradicional, mas à forma como esse fato textual é

⁴² Como nosso interesse é a exemplificação do fenômeno, não reproduziremos o dado nem a análise integrais, uma vez que podem ser conferidos em Canoas-Andrade (2009: 112)

⁴³ EI representa “Enunciado ininteligível”.

produzido em relação a determinados propósitos discursivos que veicula ou estabelece.

A autora critica a apropriação indevida do termo *confabulação*, uma vez que a avaliação se o sujeito *confabula* ou não é determinada pelo conteúdo – verdadeiro ou falso (mas sem a intenção de mentir) – de suas afirmações, ao invés de uma avaliação do discurso e do contexto em que se dá a enunciação. Extraímos o seguinte dado de ET⁴⁴(Morato, 2010: 125):

EM: Então você foi lá na bicicletaria do seu bairro?

ET: (...)

EM: E por que não quis ficar lá?

ET: A conversa dele com a minha não valia nada.

EM: Mas, como, se foi o próprio dono da bicicletaria que chamou você pra trabalhar lá?

ET: Eu falei... Eu não sei se falei, mas tudo bem, eu falei aquilo ali: “precisa consertar aqui, precisa consertar ali, não precisa disso aqui”. Ele não ia acreditar.

EM: Você acha que ele não confiaria em você?

ET: Eu acho que se o cara falar, tá certo. Eu tenho que acreditar nele.

Como se pode observar, a construção é textualmente coerente, faz sentido do ponto de vista sócio-cultural, mas é completamente imaginária. A família conta que ET permaneceu em silêncio durante todo o encontro (Morato, 2010:) Não observamos, nesse dado de confabulação, as parentéticas observadas na digressão nem nos circunlóquios. Entretanto, todos esses fenômenos se constituem como formas do indivíduo manter sua constituição de *sujeito* e se engajar em atividades discursivas, embora nas patologias seja sempre o seu valor negativo o que é acentuado – como desvio do dizer, deriva discursiva.

2.4.5 Jargonafasia/neologismos

A jargonafasia, bem como o agramatismo, representa um dos extremos das síndromes afásicas, segundo Jakobson. Estaria relacionada fundamentalmente às afasias de

⁴⁴ ET é homem, destro, pai de dois filhos e trabalhava numa relojoaria. Em 1990, aos 36 anos, sofreu um acidente de trânsito que causou lesões na região frontal e na temporo-parietal do hemisfério esquerdo (Morato, 2005: 121).

Wernicke (ou posteriores, sensoriais, de compreensão ou ainda fluentes). Seu diagnóstico está intimamente relacionado à produção de neologismos e à presença de *anosognosia*⁴⁵.

Morato e Novaes Pinto (1998) e Ishara (2004) discutem a própria concepção do termo *jargonafasia*, bem como os déficits a ele relacionados e defendem a análise qualitativa de dados que emergem em situações dialógicas. Novaes-Pinto e Morato (1998) discutem a noção de *neologismo*, intrinsecamente relacionada à de *jargonafasia*, elencando os elementos que, segundo a neuropsicologia tradicional, a constituem:

1. A presença de um jargão caracterizado pela abundância de parafasias de diversas naturezas
2. A ocorrência marcante do que a literatura neurolinguística entende por neologismo (também chamado de parafasia deformante ou ‘neológica’)
3. Presença de um déficit cognitivo associado de maneira obrigatória: a anosognosia
4. Relativa preservação da sintaxe

O dado a seguir ilustra as considerações de Morato e Novaes-Pinto (1998: 398-399):

Dado: Trata-se de uma sessão de acompanhamento individual, realizada em 30/11/95, entre o sujeito EV – jargonafásica, SK – fonoaudióloga (doravante Isk), estando presente também a filha de EV, Fe. Nesse episódio, SK procura reconstituir com EV um fato ocorrido na sessão do grupo daquele mesmo dia. Havíamos sorteado o nome do “amigo secreto”, que seria revelado na data de encerramento das atividades do CCA. (Obs: As letras maiúsculas neste dado representam o tom de voz da filha, Fe, quando se alterava com a mãe, impaciente.)

01. Isk: a festa... a FESTA aqui do grupo quarta-feira, a FESTA...
02. EV: ah, eu num sei aonde ela pôs.
03. Fe: TAMBÉM
04. EV: ela /lo/ dessa /'lapa/ dentro daquela casa /'dare/
05. Fe: NÃO IMPORTA MAMÃE esquece LARGA LARGA não importa
06. EV: mas tava /'nase/
07. Fe: Não importa, nós estamos falando de outra coisa, presta atenção com a Susana!
08. // Isk insiste no tema da festa e das atividades do CCA//
09. Isk: é isso aqui... então, tô querendo explicar pra sua filha da festa, a senhora não sorteou um papelzinho, com um nome?
10. Isk : //perguntando a Fe// Você sabe quem ela tirou?
11. Fe: Não
12. EV: [iz'mardiz/] eu sai [sabidiñu] desse tamanho é assim...

⁴⁵ Utilizamos aqui a noção corrente de anosognosia, segundo a qual o sujeito não percebe as próprias dificuldades.

//Faz o gesto de “pequeno”, aproximando os dedos polegar e indicador da mão direita//

13. Fe: Ela continua no outro canal...O AMIGO SECRETO, A FESTA... nós estamos falando da FEEESTTA que vai...

14. EV: sei

15. Fe: Festa de Natal, FESTA, você contou que ia ter festa...

16. EV: Num sei.

17. Fe: É disso que ela tá falando

18. EV: Num sei.

19. Fe: Ela não vai...

20. EV: Num sei, num sei, num sei.

21. Fe: Ela tá emperrada!

22. EV: /da:da:da:'gora/

23. Fe: Ela agora emperrou!

24. Isk: Vamos ver se a senhora consegue ler...

25. Fe: Ela não quer se lembrar (...)

26. EV: /é: sê:'sara 'tava mi'rara/ //mostrando um dos objetos//

27. Isk: tinha no grupo...

28. EV: tinha sim!

29. // Isk continua tentando explicar a respeito da festa //

30. Isk: então, ontem a gente sorteou um papelzinho, que cada um olhou, viu o nome pra trocar o cartão na festa lá no grupo, com a Maza...

31. EV: Sei

32. Isk: Então a gente vai semana que vem fazer esse cartão aqui. A Maza vai dar o cartão, aí a gente vai fazer uma festa (...) Vai trocar o cartão...do amigo secreto.

33. EV: Vai ter festa, né?

Nesse episódio, a investigadora pergunta a EV sobre o pedaço de papel contendo o nome do amigo secreto que havia sido sorteado na sessão de grupo. O que nem a investigadora nem a filha perceberam foi que EV estava, no começo, engajada no diálogo, tentando explicar que o papel havia sido colocado dentro de sua agenda. A compreensão completa do dado só se deu quando a pesquisadora que havia guardado o papel leu o dado. Morato e Novaes-Pinto (1998) argumentam que, a partir da interrupção abrupta – e mesmo ofensiva – de Fe, EV passa a produzir mais parafasias e, a partir de um dado ponto, reduz sua participação no diálogo. Foi necessário que Isk retomasse o tópico, dirigindo-se a EV e dando condições para que ela voltasse a seu papel na interlocução.

O dado mostra, portanto, a instabilidade do quadro e mais: que quanto mais qualificado é o interlocutor e mais engajado está no diálogo, menos jargonafásico fica o sujeito no processo de interação verbal.

Ishara (2004: 21-22) discute, dentre outros aspectos da jargonafasia, especificamente a noção de *jargão*,

descrito ora como o tipo de fala característico das lesões posteriores (Wernicke, 1974), marcado pela presença de neologismos e alterações na “compreensão de linguagem”, ora como sinônimo de neologismo recorrente.

Segundo a autora, há muitas tipologias para classificar os jargões. Devido a essa multiplicidade de classificações, alguns autores, como Robson et al. (2003 apud Ishara, 2004) e Coudry (2002) adotam, em lugar de *jargão* ou *neologismo*, a diferenciação entre palavra e não-palavra.

Segundo Novaes-Pinto e Morato (1998), o uso do termo *neologismo* parece ser também uma apropriação equivocada que a literatura neuropsicológica faz do conceito advindo da Linguística. Seu simples uso pouco diz de fato sobre a *jargonafasia*. As autoras criticam a metodologia corrente para a avaliação das jargonafasias – de onde advém a maior parte dos dados que corroboram a noção de *neologismo* que engloba as não-palavras e as parafasias das mais diversas naturezas. Segundo as autoras, tal noção torna “as análises pouco produtivas e, no limite, arbitrárias”.

Na Linguística, os neologismos são integrados, isto é, não se dão fora de contextos específicos, não são assistemáticos e, sobretudo, são produzidos com o propósito de que o outro compreenda. Assim,

aos fenômenos do processo de criação lexical da língua, seja através de processos autóctones ou absorção de léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos, seja através de processos sociolingüísticos que estão na dependência de relações discursivo-culturais [...](Morato & Novaes-Pinto, 1998:)

Na concepção neuropsicológica tradicional de *neologismo*, trata-se de uma produção sonora irreconhecível dos pontos de vista fonológico e semântico. Nesse sentido é que as autoras compreendem como um uso equivocado do termo.

O que as autoras demonstram no artigo que nos serve de referência é que, em situações dialógicas, quando os dados estão devidamente contextualizados, os neologismos não são incompreensíveis. Abaixo reproduzimos um dado de EV⁴⁶:

14/06/1996

EV – Não sei falar uma *colobidila*, num sei, *cabodô*... (SI)⁴⁷ *cabodô* tudo... nada, num vem nada, num (...) eu fui notando *colistide*. Vô falá uma coisa, va fala outra, vai fala outra (SI).

⁴⁶ EV apresenta uma afasia fluente, sem alterações na prosódia e discreta apraxia buco-facial (Novaes-Pinto e Morato, 1998).

⁴⁷ SI significa “segmento ininteligível”.

Esse dado mostra não somente que é possível compreender o *neologismo* quando contextualizado, como indica que o sujeito algumas vezes reconhece suas dificuldades – não apresentando, portanto, o tempo todo, uma anosognosia clássica, esperada de um sujeito jargonafásico – bem como “procedimentos enunciativos de ‘controle’ e reformulação de sua produção lingüística.

A seguir, apresentaremos pesquisas referentes às parafasias, que se relacionam tanto aos *neologismos* quanto à *jargonafasia*.

2.4.6 Parafasia

A parafasia é vista como *sintoma* tanto das afasias ditas *fluentes* (ou de Wernicke, posteriores, sensoriais, de compreensão) quanto das consideradas *não-fluentes* (ou de Broca, anteriores, motoras, de produção) e é caracterizada pela substituição de uma palavra por outra (referidas como semânticas ou lexicais) ou de um som por outro (referidas como literais ou fonético-fonológicas). Dentre as pesquisas apresentadas aqui, citamos primeiramente Reisdorfer (2007), que trabalha com o conceito de parafasia dentro dos estudos da Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva, opondo-a às perspectivas tradicionais. A fim de ilustrar um fenômeno de parafasia fonológica, reproduzimos o dado abaixo de Reisdorfer (2007: 69):

Dado 08:

JM: (...) e a floresta tropi... tropical... somos os primeiros a... asiáticos... a longa história... (SI) junto a... a...”

Let: vou voltar um pouquinho... “somos...”

JM: “somos os primos asiáticos... da **tonga... tonga...** da... **longa...** não... da... **lontra...**”

MG: lontra!

No dado acima, os sujeitos JM e MG, com auxílio da investigadora, conseguem chegar à palavra-alvo pretendida (lontra), passando antes por “tonga” e “longa”, que possuem sonoridade semelhante à palavra-alvo. Além disso, o dado permite mostrar como a reformulação vai aproximando o primeiro enunciado do *querer-dizer* do afásico.

Rapp (2003) realiza um estudo da história do termo. Segundo a autora, o primeiro a introduzir o conceito de *parafasia* na literatura afasiológica foi Kussmaul (1877, apud Rapp, 2003: 25) e a define como

um distúrbio de linguagem em que a associação de idéias com a imagem das palavras é de tal maneira afetada que, em vez de ser emitida a palavra

contendo o sentido desejado, aparece outra de sentido diverso ou então palavras totalmente estranhas e ininteligíveis.

A autora observa, ainda, que a definição de Kussmaul encerra a noção atual de *jargão*. Tal noção permaneceu inalterada nos estudos tradicionais, que passaram a aplicar os testes-padrão já abordados nesta dissertação. Rapp discute a relação das parafasias com dois outros fenômenos, que estariam nos extremos de um eixo: o *lapso* e o *jargão*. Reisdorfer (2007: 19) também retoma a discussão de Rapp, quando afirma que Freud (1891)

apresentou contra-argumentos às idéias localizacionistas de Wernicke e ao modelo de Lichtheim - Wernicke. Enquanto Wernicke concebia as parafasias como simples trocas de palavras, Freud relacionava sua emergência à redução da concentração do falante e buscava compreender a relação entre as palavras ou sons pretendidos e aqueles produzidos, o que o levaria à teoria dos atos-falhos. A definição que Freud atribui à parafasia, ampliando a que vimos acima dada por Kussmaul, é a de que ela deve ser entendida como *um distúrbio da linguagem em que uma palavra é substituída por outra, inadequada, mas que sempre mantém algum tipo de relação com a palavra correta, que se daria no âmbito do sentido ou no das características fônicas*.

Uma importante colaboração de Freud é chamar atenção para a possibilidade de observar as parafasias não somente nas patologias, mas também na normalidade, principalmente em momentos em que as pessoas estão cansadas, desatentas ou emocionalmente abaladas (Rapp, 2003: 35). Freud tem sido utilizado como referência em pesquisas em Neurolingüística de orientação enunciativo-discursiva para tratar da relação entre parafasias e atos falhos, na normalidade e nas patologias (cf. Rapp, 2003 e Reisdorfer, 2007).

Outro estudo, de Túbero (2010), problematiza a questão da referência e a noção de *palavra-alvo*. Segundo a autora,

A classificação das parafasias está diretamente relacionada com a tipologia de erros cometidos pelos afásicos em relação à palavra-alvo geralmente durante tarefas de nomeação por confrontação visual, de repetição, de categorização, de descrição de figura – presentes na maioria das baterias para avaliação de afasias.

Outro autor freqüentemente utilizado para o estudo das parafasias é Lúria. Segundo Túbero (2010: 76-77),

Lúria (1973) baseia-se no modelo neurodinâmico de Pavlov para explicar a evocação lexical e as parafasias. Sob circunstâncias normais o córtex está submetido às leis de força: estímulos fortes ou importantes produzem respostas fortes e deixam traços sólidos que são evocados mais prontamente;

estímulos fracos evocam reações fracas. Em condições corticais normais, portanto, a palavra adequada é selecionada entre palavras disponíveis no campo semântico (matriz) e é evocada. Todas as palavras relacionadas à palavra alvo, mas não desejadas, são inibidas.

Nas afasias, as leis de força estariam alteradas, de forma que seriam equalizadas – estímulos fortes e fracos seriam equivalentes – ou seriam invertidas – estímulos fracos produziriam respostas fortes. Dessa forma, o autor explica por que a relação entre palavra-alvo e o que é produzido possui enlaces sonoros, semânticos ou afetivos.

Partindo para os termos mais específicos dentro da semiologia das parafasias, Túbero (2010: 87) critica a noção de palavra-alvo⁴⁸:

Na concepção sociocognitiva aqui adotada, o conceito de palavra-alvo não procede, uma vez que a maneira como dizemos aos outros as coisas do mundo decorre muito mais de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossa inserção sociocognitiva no mundo do que de procedimentos formais de categorização, referenciação ou seleção lexical. Segundo Marcuschi (2002, p. 56), “apenas no contexto dos usos se pode ver como os nomes funcionam, portanto estudar léxico é em boa medida estudar contexto”

Dessa forma, quando algumas atividades dos testes postulam uma palavra que deve ser dita pelo sujeito, estão reafirmando um caráter patológico que não é próprio da parafasia, uma vez que a mesma pode ocorrer em falas não-patológicas. É, mais uma vez, observar no sujeito o que falta, o erro.

Segundo Rapp (2003), é possível estabelecer um continuum entre jargão e os lapsos. Para Freud, as parafasias e os lapsos permitem observar os fenômenos que acontecem à revelia do sujeito – com a ilusão de ser dono de si. O autor, portanto, aproxima normalidade e patologia, o que é compatível com as discussões que propusemos na primeira parte sobre o tema (Freud, 1904 apud Rapp, 2003): “Os lapsos de linguagem que observamos nas pessoas normais dão a impressão de ser um estágio preliminar das chamadas ‘parafasias’ que surgem em condições patológicas”.

Embora a noção de continuum seja muito interessante para os estudos das parafasias, é fundamental ressaltar que diferenciar parafasias fonológicas de jargão e parafasias lexicais de lapsos ou atos falhos não é tarefa simples e só é possível em análises contextualizadas e atentas às minúcias, como é o caso das abordagens sócio-histórico-culturais adotadas pelos trabalhos que compõem o *corpus* desta dissertação.

⁴⁸ Não se deve confundir a noção de palavra-alvo em Túbero (2010) – que é a palavra que se espera do sujeito afásico nas condições descontextualizadas dos testes – com um dos objetivos da tese de Rapp, que é comparar a palavra produzida pelo sujeito com a palavra-alvo em dados-achados, ou seja, em situações dialógicas em que emergem certos enunciados e, portanto, onde pode ser percebida a intencionalidade dos sujeitos da pesquisa.

2.4.7 Perseveração

O estudo da chamada *perseveração* não se originou nas pesquisas afasiológicas, ao contrário de outros itens semiológicos apresentados anteriormente. De acordo com Moses et al. (2007 apud Lima, 2010), “a perseveração é uma repetição ou continuação inapropriada de uma resposta anterior, após mudança na solicitação da tarefa”. A fim de ilustrar o que é *perseveração*, conforme buscamos fazer nas análises de outros itens semiológicos pesquisados em estudos de casos, reproduziremos abaixo um dado de Lima (2004: 101):

E: é o que o senhor fazia antes de ter o problema”

SL: tinha três anos eu trabalei na prefeitura

E: o que o senhor fazia lá”

SL: a é admnistra de um a rejão

E: hum hum

SL: eu tinha o da leste

SL: então cruzava escolas de de de tudo mai mai mai de dos os a dos o na antetário antinuário (+) eu tuvo tava lan tabalhando na pré eu naquela região

Observam-se, no dado acima, as perseverações *mai mai mai* e *de dos os a dos*. Segundo a classificação adotada pela pesquisadora, a primeira seria de tipo contínuo – a repetição contínua de uma resposta – e a segunda seria do tipo *stuck-in-set*, ou seja, a produção contínua de um conjunto ou estrutura. Em ambos os casos, as repetições são inapropriadas.

A autora elenca uma série de pesquisas que propõem todo o tipo de classificações para as perseverações. Reproduzimos aqui o resumo dessas questões, nas palavras da autora, a fim de ilustrar a constelação de termos e possibilidades explicativas (Lima, 2010: 202):

Para Hirsh (1998), Buckingham e Whitaker (1979), Vitcovitch e Humphreys (1991) e Cohen e Dehaene (1998), a perseveração seria mais comum em situações que requerem uma resposta específica, tais como nomeação de figuras, leitura oral e repetição, o que mostra que a perseveração pode estar ligada à dificuldade de acesso lexical. Conforme afirma Hirsh (1998), a explicação mais corrente sobre perseveração, na qual ocorreria um comprometimento da inibição usual de memória de traços, não faz referência a modelos de produção normal de fala.

Ramage et al. (1999) afirmam, por sua vez, que a perseveração não é apenas um sinal de distúrbio da função cerebral, pois ocorreria também em sujeitos normais (Helmick e Berg, 1976; Albert e Sandson, 1986; Sandson e Albert, 1987; Vikki, 1989). Ramage et al. observam que na literatura sobre o tema não há um estudo sistemático da frequência e do tipo de perseveração em diversas tarefas em sujeitos normais, com a consideração das circunstâncias

nas quais determinadas tarefas podem provocar ou afetar a ocorrência de perseveração nessa população.

Em sua revisão sobre perseveração, Hotz e Helm-Estabrooks (1995) afirmam que o que se observa, no geral, é que, provavelmente, no transcorrer dos estudos sobre o fenômeno, vários investigadores foram observando alguns dos mesmos tipos de comportamentos tidos como perseverativos, embora atribuíssem a ele diferentes interpretações.

O objetivo da autora é, portanto, não precisamente questionar o item semiológico, mas seu estatuto para os estudos neurolingüísticos. Para tanto, ela retoma Goldstein (1948 apud Lima, 2010) para afirmar que a perseveração não é em si uma *entidade patológica*, mas um *fenômeno reacional*. Dois fatores são fundamentais para a reflexão sobre o fenômeno:

- (i) a chamada *reação de catástrofe*, na qual “o indivíduo ou é ou se sente incapaz de responder às exigências das circunstâncias ou do meio”;
- (ii) a *fadiga subjetiva*, omitida das pesquisas neuropsicológicas.

No último caso, ainda deve-se levar em conta que as tarefas não têm a mesma dificuldade para todos os sujeitos, por mais homogeneizantes que sejam os testes-padrão.

Em sua tese de doutorado, Lima (2004) propõe o estudo da perseveração em contextos de uso espontâneo da linguagem e verifica que o fenômeno é uma parte “integrante e não excludente da atividade lingüística” (2004: 151). Seus resultados mostram que

Apenas um dentre os quatro sujeitos da pesquisa, com afasia anômica, perseverava na linguagem espontânea, assim como nas provas metalingüísticas, restando aos demais sujeitos, com afasia sensorial semântica e transcortical motora, apresentarem ocorrências de perseveração somente em provas metalingüísticas. Tal resultado aponta para a necessidade de analisarmos a perseveração em ambientes diferentes de produção da linguagem, não apenas o de testes, pois a investigação somente de provas lingüísticas, como amplamente apontado na literatura neurolingüística, é muito limitada para a interpretação de fenômenos complexos como a perseveração.

A passagem acima, além de indicar a ineficácia dos testes-padrão, uma vez que são constituídos por atividades metalingüísticas, coloca em questão se, afinal, a perseveração chegou a receber um estatuto patológico devido aos testes, às teorias e metodologias por trás deles (Saraiva, 2010).

2.4.8 Síndrome Frontal Leve

A Síndrome Frontal é concebida na literatura tradicional como um distúrbio que altera o *comportamento*, entendido da forma mais generalizante possível. Dificilmente os autores se detêm nas questões de linguagem envolvidas. Pelo contrário, a maioria nem toca nelas, como é o caso da descrição feita por Damásio (1996), a respeito do caso de Phineas Gage, ocorrido em 1848. O sujeito, que teve os lobos frontais atravessados por uma barra de ferro, em acidente de trabalho, teve diversas alterações de comportamento. Dentre essas, Damásio afirma que ele passou a ser inapropriado com relação ao uso das expressões linguísticas – contava piadas em contextos nos quais não devia, falava palavrões na frente de senhoras respeitáveis, etc. Entretanto, questões de linguagem são avaliadas como distúrbios de comportamento, como se pudessem ser explicadas da mesma forma que a desinibição que fazia com que o sujeito tirasse a roupa em público. Este caso, ao contrário, pode ser utilizado como exemplo do papel dos lobos frontais na regulação também da linguagem, de natureza pragmática.

Gandolfo (1994) realizou o estudo de caso do sujeito R⁴⁹, motivada por observar em seus dados questões de ordem lingüística – mais especificamente, semântico-pragmática. A autora realizou, em sua pesquisa, diversas atividades com o sujeito, envolvendo desde conversas sobre o cotidiano ao desenvolvimento de narrativas mais complexas, além de pedir que ele explique e conte para ela piadas. Há, portanto, vários gêneros discursivos envolvidos. Reproduzimos abaixo um dado de sua dissertação (Gandolfo, 1994: 106-107):

Na sessão do dia 29/04/1992 foi contada uma piada:

E1 – Você tem aí 500 mangos pra me emprestar?

E2 – Não.

E1 – E em casa?

E2 – Vão todos bem, obrigado.

⁴⁹ O sujeito R, tinha 34 anos quando da escrita do trabalho, brasileiro, casado e pai de três filhos. Trabalhava com vendas, embora fosse formado em Medicina Veterinária e Tecnologia de Alimentos. Foi diagnosticado com Síndrome Frontal Leve, em decorrência de um acidente automobilístico, em 1991, tendo permanecido em coma por 45 dias. Foi constatada uma lesão na parte anterior do hemisfério esquerdo do lobo frontal.

R – [pausa de 9 seg. resmungando alguma coisa] Fulano, fulano chegou para o Zé e... – O Zé tem... tem umas quatro mango aí? [seg. inint.]. Tem nada não. E em casa? Em casa tem.

Segundo a autora, R tem dificuldades para compreender a piada, pois não inferiu que a fala de E2 significava que não queria emprestar dinheiro ao amigo. Gandolfo (1994: 107) afirma que:

Através desta resposta, o sujeito E2 aciona outro subsistema a partir do qual faz sentido a piada. [...] O segredo da piada que R não pegou está no fato de uma pergunta que não é fática ser respondida como se fosse. Na recontagem de R, ao contrário, E2 responde interpretando “casa” como “lugar em que E2 pudesse ter dinheiro”. Devida, talvez, à estrutura condensada da piada, R não consegue aprender com rapidez que uma frase que diz “vão todos bem, obrigado, está querendo dizer “não tenho ou não quero te emprestar dinheiro”. [...] O sentido depende de uma série de fatores e R, ainda nesta época, tinha dificuldade de incorporá-los.

Conforme o dado e a argumentação da autora indicam, é impossível ignorar que há reflexos da chamada *Síndrome Frontal Leve* na compreensão da linguagem do sujeito, bem como na sua produção, conforme a autora explicita ao dizer que R possuía dificuldades para planejar o que dizer, para mudar de registro, para localizar qual é a sua posição e qual é a posição do outro nos diálogos (o que fica mais claro nos dados em que ele é exposto a piadas). Dentre a série de fatores de que a autora elenca, que são cruciais para a construção do sentido, a dificuldade de R recai sobre os aspectos semântico-pragmáticos.

Dessa forma, Gandolfo (1994: 112) afirma que:

É interessante perceber que aquilo que vários estudiosos descreveram como fazendo parte do quadro sintomatológico da Síndrome Frontal – dificuldade em selecionar, programar e controlar sua conduta – ao assumir uma teoria de linguagem que abrange questões enunciativo-discursivas, é possível detectar estes mesmos sintomas em sua fala. Desta maneira, podemos interpretar seus sintomas como compatíveis com um quadro de afasia já que, do ponto de vista lingüístico, há alterações no processo de significação.

A autora relata ainda que houve melhora no quadro de R após o acompanhamento terapêutico, o que, mais uma vez, confirma o efeito positivo, do ponto de vista dos próprios sujeitos, das práticas clínicas defendidas nos trabalhos desde Coudry (1986/1988).

A autora sugere, por fim, duas possibilidades: ou que o termo *Síndrome Frontal Leve* seja ressignificado e passe a abarcar os sinais lingüísticos ou que passe a ser considerada como uma *afasia*, de natureza *semântico-pragmática*.

Com relação ao trabalho de Gandolfo, acrescentamos que o segundo termo privilegia mais a linguagem como atividade constitutiva do sujeito adotada pelos estudos em Neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva, entretanto, parece não resolver o problema. Considerar a síndrome frontal leve como um tipo de afasia deixaria de fora as questões comportamentais envolvidas. Por outro lado, incluir a questão lingüística na noção de síndrome frontal leve parece-nos uma solução mais adequada, uma vez que daria conta tanto dos fenômenos lingüísticos quanto dos comportamentais.

2.5. Considerações acerca das dicotomizações dos fenômenos afasiológicos

Como vimos na primeira parte desta dissertação, os estudos em Neurociências são marcados pelas terminologias que privilegiam a falta, o déficit e as *síndromes* (que são, por excelência, dicotomias – uma categoria é aquilo que a outra não é). Trata-se de definições marcadas por oposições e não por relações. Como exemplos mais claros temos as grandes síndromes: Broca *versus* Wernicke; anterior *versus* posterior; motora *versus* sensorial; produção *versus* compreensão; não-fluente *versus* fluente etc. Tais dicotomias reduzem os fenômenos observados nas afasias, justamente porque se interessam por modelos e não por sujeitos reais, pelo funcionamento da linguagem e de cérebro, etc.

As dicotomias Broca *versus* Wernicke, anterior *versus* posterior e motora *versus* sensorial são classificações que têm como base a localização topográfica da lesão. A nosso ver, embora este dado seja relevante, não é o único que precisa ser considerado com relação à gênese dos processos. Devemos lembrar que, para compreender um processo, Vygotsky (1984) acreditava ser uma exigência da pesquisa resgatar sua gênese. No caso das afasias, na gênese dos processos, além da lesão (sua profundidade, extensão, localização, etiologia etc) estão todas as variáveis individuais que constituem um sujeito: variáveis que são caracterizadas pela sua relação com o Outro e com a Cultura. Esta abordagem é compatível com a noção de cérebro como SFC que adotamos.

Outras dicotomias, como produção *versus* compreensão e fluente *versus* não-fluente apresentam uma visão muito superficial e redutora sobre o funcionamento da linguagem, embora não sejam marcadas particularmente pela relação entre a lesão e os

sinais. Em particular, fluente versus não-fluente se relaciona ao que Scarpa (1995) denomina “mito da fluência”.

2.6. Considerações sobre o legado teórico de Jakobson para uma neurolingüística enunciativo-discursiva

Para encerrar esta discussão, apresentamos a proposta de Jakobson e a influência do seu legado teórico para as pesquisas sobre as afasias. Foi o primeiro lingüista a se dedicar ao estudo das afasias. O autor acreditava que compreender a linguagem em estado de *dissolução*, assim como em processo de aquisição, contribuiria para uma questão mais ampla: construir uma teoria geral da linguagem.

À primeira vista, o trabalho deste autor parece apenas propor mais uma (ou mais algumas) dicotomia(s). Entretanto, o próprio Jakobson esclarece que embora o modelo preveja oposições - como o agramatismo e a jargonafasia - há entre esses extremos outros tipos de afasia. Segundo o autor, “as variedades de afasia são numerosas e diversas, mas todas oscilam entre os dois tipos polares [...]” (Jakobson, 1975: 55).

É importante salientar, com relação aos trabalhos analisados nesta dissertação, que a maioria cita a relevância histórica de Jakobson para os estudos afasiológicos – com especial atenção para o texto: *Duas formas de linguagem e dois tipos de afasias* – que inaugura a entrada da Linguística nos estudos das patologias, até mesmo resenhando os principais conceitos aos quais o autor recorre – *seleção* e *combinação*, *agramatismo* e *jargonafasia*. Entretanto, são poucos os que de fato retomam essas *categorias analíticas* para dar conta das dificuldades dos sujeitos afásicos – seja em situações de avaliação metalingüística, seja nos enunciados produzidos em situações dialógicas. Destacamos os trabalhos de Coudry (2008) e de Fedosse (2008) como exemplos de análises que retomam os processos de combinação e seleção como ferramentas analíticas, a partir das ideias do autor sobre *tradução*.

Em oposição à semiologia clássica, Jakobson (1975a) propôs uma classificação de acordo com os “eixos” de organização da linguagem: o *paradigmático*, que estaria comprometido nos afásicos com dificuldades na seleção de elementos lingüísticos dentro de uma mesma categoria, e o *sintagmático*, relacionado à sua combinação (fonemas em morfemas, estes em palavras; palavras em sentenças).

De acordo com o autor, a fala *normal* seria caracterizada por uma bipolaridade, quando o sujeito seleciona e combina adequadamente os elementos do sistema. A fala

patológica do afásico seria caracterizada pela ruptura dessa bipolaridade. Portanto, se estabeleceria uma fala *unipolar*, na qual o afásico privilegiaria um “eixo” em detrimento do outro⁵⁰.

Em seu modelo, Jakobson propõe dois tipos extremos de afasias que, entretanto, não seriam os únicos. As dificuldades e os tipos de afasias podem se distribuir entre esses dois extremos dos eixos: a jargonafasia, por um lado, na qual estaria mais comprometida a seleção; e o agratismo, por outro, com maiores dificuldades nos processos de combinação.

Este modelo pode apresentar vantagens interessantes para o estudo das afasias. A primeira vantagem clara é que se trata de uma terminologia lingüística para se referir aos fenômenos. Outro ponto que destacamos no modelo proposto por Jakobson (1975a) é que o mesmo apresenta uma continuidade entre as categorias que representam os extremos dos eixos (jargonafasia e agratismo) que não encontramos nos modelos clássicos, que tendem a encaixar os sujeitos em categorias estanques. Pensar em eixos significa também considerar a interdependência entre seleção e combinação e essa relação se dá em todos os níveis de organização do sistema lingüístico.

É importante marcar uma diferença entre a proposta de Jakobson e os estudos da neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva. Quando se refere à afasia, Jakobson usa termos como *dissolução*, *perda*, *desintegração*, *regressão*. Entendemos que os enunciados produzidos pelos sujeitos afásicos tragam em si não apenas as marcas daquilo que foi impactado em termos de funcionamento do sistema lingüístico, mas também marcas de reorganização. Ao invés de *perda* ou *desintegração*, preferimos nos referir a essas características como *alterações*.⁵¹

⁵⁰ Questionamos se essa ruptura é tão abrupta a ponto de caracterizar a fala do afásico como *unipolar*, uma vez que se mantém a interdependência dos eixos. Para formular uma frase, é necessário selecionar e combinar desde os fonemas, constituindo os morfemas e assim sucessivamente. No caminho inverso, os níveis superiores servem de contexto para os inferiores, então só é possível selecionar um determinado fonema (e não outros) para combinar com outros e formar os morfemas pretendidos. Talvez essa unipolaridade possa ser observada apenas nos níveis hierárquicos mais altos, como na frase, em que alguns sujeitos possam ter dificuldades em usar palavras funcionais, mas não parece proceder nos níveis mais baixos. Em outras palavras, mesmo que os enunciados dos sujeitos sejam constituídos apenas por palavras aparentemente isoladas, estas palavras só puderam ser produzidas porque houve seleção e combinação de elementos menores – processos que envolvem, portanto, a bipolaridade da linguagem.

⁵¹ A menos que a afasia esteja acompanhada de outras alterações cognitivas que comprometam a percepção, a memória, o raciocínio lógico, a capacidade de juízo, casos em que ela tenderá a se agravar e é chamada *progressiva* (Canoas-Andrade, 2008).

É fundamental observarmos que, apesar das vantagens acima apontadas, Jakobson propõe um *modelo* e para dar conta do *funcionamento*, precisamos ressignificá-lo a partir do que aprendemos com a Linguística nas últimas cinco décadas, depois de seus escritos.

Os trabalhos desenvolvidos por Coudry, dentre outros autores, desde os anos 80, defendem que Jakobson avançou muito na compreensão das dificuldades lingüísticas das afasias e também nas questões relativas à sua semiologia, uma vez que os fenômenos lingüísticos passaram a ter visibilidade.

Atualmente, o legado teórico de Jakobson é discutido em diversas pesquisas realizadas em neurolingüística de abordagem enunciativo-discursiva. Destacamos a seguir pesquisas recentes que buscam articular a teoria do autor com os pressupostos da área e mobilizá-la como recurso analítico na compreensão dos enunciados de sujeitos com afasia: Coudry (2008), Fedosse (2008) e Novaes-Pinto e Santana (2009).

Coudry (2008) mobiliza a noção de *tradução*, de Jakobson (1975b). O autor trata do tema fora do escopo das patologias, defendendo que faz parte da comunicação a tradução inter e intra-semiótica: “o nível cognitivo da linguagem não só admite, mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução” (Jakobson, 1975b: 70).

Segundo Coudry (2008: 9), o processo de tradução se mantém na afasia e é fundamental para a comunicação dos sujeitos afásicos:

Se a afasia afeta certas estruturas e usos da língua, por sua vez, o sujeito afásico busca outros *modos/arranjos* para *significar/associar*, ou seja, produz *processos alternativos de significação*.

Os dados produzidos em situações dialógicas são *loci* privilegiados para a observação do funcionamento de processos alternativos de significação, uma vez que, segundo Coudry (2008: 32):

[...] para além da lesão cerebral, um sujeito é afásico quando lhe faltam recursos de produção e interpretação para exercer a linguagem, sem, no entanto, lhe faltar a função cognitiva/psíquica de poder traduzir, por meio de processos alternativos de significação, o que quer dizer”.

Em outras palavras, Jakobson (1955/1970; 1956/1975) caracteriza a afasia como “um problema de linguagem que pode levar a uma redistribuição das funções lingüísticas e como um funcionamento de linguagem de tendência unipolar: ou mais voltado para combinações sintagmáticas ou mais voltado para seleções paradigmáticas” (Coudry, 2008: 12).

Fedosse (2008), em sua tese de doutorado, cujo estudo de caso refere-se a um sujeito afásico que escrevia poesias antes do episódio neurológico e que continuou escrevendo depois, reforça a noção de *processos alternativos de significação* para *processos alternativos/criativos de significação*, incorporando à discussão a noção de *criatividade* de Franchi (1988, *apud* Fedosse, 2008: 38):

No que se refere à criatividade da linguagem, o autor diz ser ela um atributo que se manifesta na construção das expressões, visto que as línguas naturais oferecem inúmeros procedimentos que asseguram ao falante (ao sujeito que as constrói) certa liberdade para relacionar e conectar expressões tornando-as adequadas aos efeitos de sentido que pretende colocar; o falante - em um desenho próprio - controla as transparências e a opacidade do que diz. Assim, a criatividade se manifesta pelo modo próprio com que cada um se coloca em relação a seu tema é a sua própria experiência pessoal da realidade.

Notamos, nos trabalhos mais recentes da Neurolinguística desenvolvida no IEL, uma retomada de questões lançadas por Jakobson há mais de meio século e que parecem ser ainda pertinentes para tratar da relação entre os processos de seleção e combinação que constituem os enunciados lingüísticos. É evidente que esses trabalhos buscam atualizar as discussões do autor, refinando os aspectos teóricos e metodológicos, à luz das teorias lingüísticas que consideram, além do sistema lingüístico, as suas condições de produção, mais especificamente a Pragmática, a Semântica Enunciativa e a Análise do Discurso.

Considerações de Passagem

*Oh, my Love
Oh, it was a funny little thing
To be the ones to have seen
This sight of bridges and balloons
Makes calm canaries irritable
(Joanna Newsom – Bridges and Balloons)*

No percurso desta dissertação, buscamos apresentar reflexões acerca dos itens semiológicos mobilizados nas pesquisas neurolinguísticas, desenvolvidas no IEL/UNICAMP nos últimos 25 anos. Como havíamos apontado na introdução deste trabalho, não pretendíamos abordar a semiologia de forma exaustiva, mas priorizando o tratamento dado aos fenômenos pelos próprios autores. Acreditamos que não seria o caso atribuir julgamentos de valor a cada estudo, discordando ou reafirmando seus pontos-de-vista sobre os objetos. Buscamos explicitar o histórico do desenvolvimento de grande parte dos conceitos, quando possível, destacando de cada trabalho a contribuição para a semiologia das afasias. Buscamos tornar evidente, também, nossa posição sobre a necessidade de atualização deste trabalho conforme novas pesquisas vão sendo realizadas, questionando, reforçando ou reformulando princípios teórico-metodológicos.

Na base dos grandes problemas encontrados em aparatos teórico-metodológicos tradicionais estão as dicotomizações, ferramentas didáticas que visam simplificar fenômenos complexos – quebram em partes menores, conforme vimos com Cytowic (2002) – e resultam em categorizações que se configuram como moedas linguísticas para trocas entre profissionais, como apontou Porter (1993).

Os estudos de casos desenvolvidos ao longo da história da neuropsicologia como ciência possibilitaram verificar que, por exemplo, apenas cerca de 50 a 60% dos pacientes com lesão na área de Broca apresentam “afasia de Broca persistente” e apenas 30% dos pacientes com lesão na área de Wernicke são afásicos de Wernicke crônicos. Esses dados são trazidos por Dronkers (2000, apud Mansur & Radanovic, 2004). Segundo o autor, há ainda aproximadamente 15% de pacientes com afasia de Broca crônica que não apresentam lesão na área de Broca e 35% com afasia de Wernicke que não possuem lesão na área correspondente. Tais dados apontam para a ineficiência de uma correspondência direta entre as alterações cerebrais e os itens semiológicos. Dessa forma, denunciam a ineficácia da semiologia e dos modelos descritivos tradicionais.

Uma noção de cérebro como um sistema funcional complexo não pode ser comportada por dicotomias. Pelo contrário, como o próprio nome sugere, as funções linguístico-cognitivas estão imbricadas e só podem ser explicadas em suas relações.

Conforme mostramos nesta dissertação, as pesquisas realizadas sob orientações sócio-histórico-culturais contribuem para resgatar autores que não são privilegiados pelos estudos neurolingüísticos tradicionais (como Luria, Jakobson e Freud) e para indicar contra-exemplos e incompatibilidades entre concepções tradicionais e o funcionamento da linguagem.

Na primeira parte, retomamos e explicitamos questões amplamente discutidas pelos pesquisadores da área, como as relações entre *ver* e *dizer* e *normalidade* e *patologia*. Na segunda parte, sintetizamos as contribuições de trabalhos realizados no IEL/UNICAMP para a reformulação/ressignificação da semiologia das afasias. Constatamos que, em relação a alguns itens semiológicos, como a *anomia*, ainda estamos no momento de problematização do modelo vigente, enquanto outras discussões, como aquela sobre o *agramatismo*, já indicam novas possibilidades de ressignificação.

Não é tarefa simples, entretanto, fazer que essas reflexões cheguem aos espaços onde a semiologia tradicional está fortemente arraigada – conforme discutimos ao falar da Clínica como uma instituição e das relações de poder nela implícitas. Tais termos se constituíram como *moedas lingüísticas* para a troca de informações entre profissionais e, portanto, qualquer mudança – tanto a ressignificação quanto a reformulação – são processos lentos.

Na tese de doutorado, discutiremos as questões ético-filosóficas subjacentes às metodologias adotadas, bem como as concepções de *ciência* que as determinam nas pesquisas, esperando contribuir para o desenvolvimento da área e o contato com outros campos de acesso tão dificultado, como a Neuropsicologia e a Medicina. Por esta razão, essas considerações não poderiam ser caracterizadas como “finais”, mas “de passagem”, uma vez que deverão ser retomadas e aprofundadas no decorrer de um percurso maior de pesquisa.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A.C. (orgs) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002, p.49-76
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- CANOAS-ANDRADE, R. Questões neuropsicológicas e neurolingüísticas de uma afasia fluente/ progressiva: Inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2009.
- CAPLAN, D. *Neurolinguistics and linguistic aphasiology*. Nova Iorque: Cambridge University Press, [1987] 1993.
- COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, [1986/1988] 2001.
- COUDRY, M.I.H. “O que é dado em neurolingüística?”. In CASTRO, M. F. (Org.), “*O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*” Editora da Unicamp, Campinas, S.P. [1991] 1996.
- COUDRY, M.I.H. “Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolingüística”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Vol. 42, 2002.
- COUDRY, M.I.H. Afasia como tradução. In: *Estudos da Língua(gem)*, v. 6, p. 1, 2008.
- COUDRY, M.I.H.; POSSENTI, S. (1983). “Avaliar Discursos Patológicos”. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, número 5, páginas 99-109.
- CYTOWIC, R. E. *The neurological side of Neuropsychology*. Massachusetts: The MIT Press, 1995.
- CYTOWIC, R. E. *Synesthesia: a union of the senses*. Massachusetts: The MIT Press, 2002.
- DAMASIO, A. “What a difference a decade makes”. In: *Current opinion in neurology*, 20. Iowa: Rapid Science Publishers, 1997.
- DAMASIO, H. *et al.* “Neural Correlates of Naming Actions and of Naming Spatial Relations”. In: *Neuroimage*, 113, 1053-1064. Academic Press, USA, 2001.
- FEDOSSE, E. *Processos alternativos de significação de um poeta afásico*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2008.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Forense Universitária. 1994.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FRANCHI, C. *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. Tese (Doutorado em Lingüística). UNICAMP, Campinas, 1977.
- GANDOLFO, M. *Síndrome Frontal (leve) ou afasia semântico-pragmática: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1994.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GÓES, M. C. R. “A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade”. In: *Cadernos Cedex*, N. 50, 2000.
- GOLDSTEIN, K. “L’analyse de l’aphasie ET l’étude de l’essence du langage”. In: *Journal de Psychologie Normale et Patologique*, 30, 1933.
- GUINDASTE, R. M. G. *O agramatismo: um estudo de caso em português*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1996.
- HAARMANN, H. J., KOLK, H. H. J. “A computer model of the temporal course of agrammatic sentence understanding: the effects of variation in severity and sentence complexity”. *Cognitive Science*, 15, 1991a, p. 49 – 87.
- HAARMANN, H. J., KOLK, H. H. J. “Syntactic priming in Broca’s aphasics: evidence for slow activation”. *Aphasiology*, 5, 1991b, p. 247 – 263.
- HAARMANN, H. J., KOLK, H. H. J. “On-line sensitivity to subject-verb agreement violations in Broca’s aphasics: the role of syntactic complexity and time”. *Brain and Language*, 46, 1994, p. 493 – 517.
- HOFSTEDE, B. T. M. *Agrammatic speech in Broca’s aphasia: strategic choice for the elliptical register*. Doctoral dissertation, University of Nijmegen, The Netherlands, 1992.
- ISHARA, C. *Análise do funcionamento da linguagem em um caso de jargonafasia : aspectos fonológicos e morfológicos*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2004.
- JACKSON, H. “Evolution and dissolution of the nervous system”. In: TAYLOR, J. (Org.) *Select Writings of John Hughlings Jackson*. New York: Basic Books, 1884.
- JAKOBSON, R. “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975a.
- JAKOBSON, R. “Aspectos Lingüísticos da tradução”. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975b.
- KLEPPA, L. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou “Eu e você? Diferente”*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2008.
- KOLK, H., VAN GRUNSVEN, M. J. F. “Agrammatism as a variable phenomenon”. *Cognitive Neuropsychology*, 2, 1985. p. 347 – 384.

- KOLK, H., VAN GRUNSVEN M., & KEYSER, A. "On parallelism between production and comprehension in agrammatism". In: M. L. KEAN. *Agrammatism*. London: Academic Press, Inc., 1985. p. 165 – 206.
- KOLK, H., HELING, G., KEYSER, A. "Agrammatism in Dutch: two case studies". In: L. MENN & L. K. OBLER (Eds.) *Agrammatic aphasia*. John Benjamins Publishing Company, 1990.
- KOLK, H., HEESCHEN, C. "Adaptation symptoms and impairment symptoms in Broca's aphasia". *Aphasiology*, 4, 1990. p. 221 – 232.
- KOLK, H. "Variability is the hallmark of aphasic behaviour: Grammatical behaviour is no exception". *Brain and Language*, 101, 2007. p. 99 – 102.
- KOLK, H. "How language adapts to the brain: an analysis of agrammatic aphasia". In: L. PROGOVAC *et al.*, (Eds.) *The syntax of nonsententials*. Linguistik Aktuell, 93 John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 229 – 258.
- KOLK, H. "Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis". *Brain and Language*, 77, 2001b. p. 340 – 351.
- KOLK, H. "Syntactic impairment is the bottleneck to communication in nonfluent aphasia". *Aphasiology*, 15, 2001a. p. 381 – 385.
- KOLK, H. "A time-based approach to agrammatic production". *Brain and Language*, 50, 1995. p. 282 – 304.
- KOLK, H., HOFSTEDE, B. T. M. "The choice for ellipsis: a case study of stylistic shifts in an agrammatic speaker". *Brain and Language*, 47, 1994. p. 505 – 507.
- KOTIK-FRIEDGUT, B. "Development of the Lurian Approach: A Cultural Neurolinguistic Perspective" In: *Neuropsychology Review*, Vol. 16, No. 1. 2006, pp. 43-52.
- LIMA, S. S. P. *O estatuto neurolingüístico da perseveração na afasia*. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, Campinas, 2004.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LURIA, A.R. *Basic problems in neurolinguistics*. Mouton: The Hague, 1976.
- LURIA, A.R. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam: Sweets & Zeitlinger B. V., 1977.
- LURIA, A.R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artmed Editora, 1986.
- MANSUR, L. & RADANOVIC, M. *Neurolingüística: princípios para a prática clínica*. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004.
- MECACCI, L. *Conhecendo o cérebro*. São Paulo: Nobel, 1984.
- MICELI, G. "Disorders of single word processing". In: *J Neurol*, 2001.

- MINAYO, M.C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- MORATO, E. M. *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1995.
- MORATO, E. M. Neurolingüística. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. (Ed). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.
- MORATO, E. M. “Confabulação: quando faltar à verdade não equivale a mentir”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORATO, E. M.; NOVAES-PINTO, R. C. “Aspectos enunciativos da jargonafasia”. In: Anais do GEL. Campinas, 1998.
- NOVAES-PINTO, R. *Agramatismo: Uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1992.
- NOVAES-PINTO, R. C. “Agramatismo e processamento normal da linguagem”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 1997.
- NOVAES-PINTO, R. *Uma contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1999.
- NOVAES-PINTO, R. “Avaliação de compreensão de linguagem: análise de resultados obtidos em baterias de testes neuropsicológicos versus análise discursiva de episódios dialógicos”. In: *Veredas* (UFJF), v. 1/2007, 2007.
- NOVAES-PINTO, R. C. ; SANTANA, A. P. O. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica* (UFRGS. Impresso), v. 22, p. 413-421, 2009.
- NOVAES-PINTO, R. C. ; MORATO, E. M. “A relação entre neologismo e jargonafasia: Implicações Neurolingüísticas”. In: *II Encontro lingüístico do CELSUL, 1997, Florianópolis - SC. Livro de Resumos do CELSUL*. Florianópolis, 1997.
- OLIVEIRA, C.L. “Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características”. In: *Revista Travessias*, 2009.
- PORTER, R. “Expressando sua enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra Georgiana”. In: BURKE & PORTER (orgs.). *Linguagem, indivíduo e sociedade – história social da linguagem*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- RAJER, F. “A anomia no campo da Afasiologia”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.
- RAPP, C. *A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2003.
- REISDORFER, I. M. S. *A caracterização das parafasias na perspectiva da neurolingüística discursiva*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007.

- SACKS, O. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCARPA, E. “Duas marginalidades e falsas expectativas na aquisição da prosódia”. In CASTRO, M. F. (Org.), *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- SOBRAL, A. “Ato/atividade e evento”. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2005a.
- SOBRAL, A. “Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas”. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2005b.
- TRANEL, D. *et al.* “Neural correlates of naming animals from their characteristic sounds”. In *Neuropsychologia*, 41, p. 847-854. Elsevier Science Ltd, 2003.
- TUBERO, A. L. “Parafasia: o quiproquó das palavras”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.
- VISCARDI, J.M. *O estatuto Neurolingüístico do automatismo*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.
- VISCARDI, J.M. “*Eu preciso falá*: automático e voluntário na semiologia do automatismo”. In: MORATO, E. M. (org.) *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.
- VYGOSTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOSTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.